



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 13.

SABADO, 14 DE FEVEREIRO DE 1970

AVENÇA

N.º 673

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 93156 AVULSO 2500

A JÓIA TURÍSTICA DE ST. IVES OU UMA SUGESTÃO PARA O ALGARVE

NO sul da Inglaterra, no condado da Cornualha (Cornwall), encontra-se uma jóia turística: St. Ives. Debruçada sobre o Atlântico, numa costa que muito tem em comum com a costa algarvia, esta pequena cidade é das grandes atracções turísticas de toda a Grã-Bretanha. Segundo uma crónica antiga, a sua fundação ter-se-ia verificado no século V da nossa era,

e, embora tenha conhecido vários períodos de prosperidade como porto de saída do cobre e estanho provenientes das minas da Cornualha, St. Ives foi sempre, durante a sua longa história, uma terra essencialmente piscatória.

O que cativa o visitante quando pela primeira vez se encontra na parte da cidade junto ao mar, é a sensação de ter, repentinamente, regressado a um passado distante, pois a parte antiga de St. Ives, além de certas casas de pescadores que agora são lojas de lembranças e «cafés», parece pouco ou nada ter mudado nestes últimos 100 anos. Por isso, quando deambulamos pelas ruas estreitas e tortuosas e, amiudadamente, deparamos com apetrechos de pesca em certos becos, fica-nos a impressão de que somos transportados aos tempos distantes da navegação à vela, quando as galeras, chegadas da

América ou das Índias Ocidentais, tentavam, nos dias de borrasca ou de nevoeiro, fugir aos rochedos traiçoeiros que se espalham por toda a costa da Cornualha e que tantos naufrágios têm causado.

Independentemente da sua longa história como terra piscatória que foi e continua a ser, o que impressiona o visitante é que esta pequena cidade, apesar do desenvolvimento da época actual, que tudo deita por terra e muitas vezes destrói certos bocados das belezas do

por M. Santos Traquino

passado, conseguiu sobreviver, quase intacta, aos ventos do progresso. Claro que St. Ives, como qualquer outra terra bem situada à beira-mar, tem-se desenvolvido de acordo com as linhas modernas, mas esse desenvolvimento apenas

(Conclui na 6.ª página)

FLORIPES E OS BRANDEIRINHOS (LENDA OLHANENSE)

CHAMAVA-SE «brandeirinhos» a uns pães pequenos, que mais pareciam bolinhos e que, em antigos tempos, se fabricavam na vila de Olhão. A mãe do Zêquina, trabalhava nesta especialidade de pães e, como de costume, todas as semanas amassava o seu pão em casa. Primeiro, passava a farinha pela peneira, como ainda hoje é vulgar fazer-se, e, depois de dar

segunda passagem, para fazer a amassadura de pão comum, ia então à restante farinha que ficava (conhecida pela farinha de «rolões») e fazia com esta, a amassadura separada. Trazia, depois, os pãesinhos redondos a que o povo dava o nome de «brandeirinhos». Eram estes vendidos na casa de uma sua cunhada, por dez-réis cada.

Um belo dia, depois de retirar do forno os seus «brandeirinhos», meteu-os num asseado saco de linho branco e, ainda mornos, mandou o filho Zêquina levá-los à mercearia (que se chamava tam-

(Conclui na 5.ª página)

Janela do MUNDO

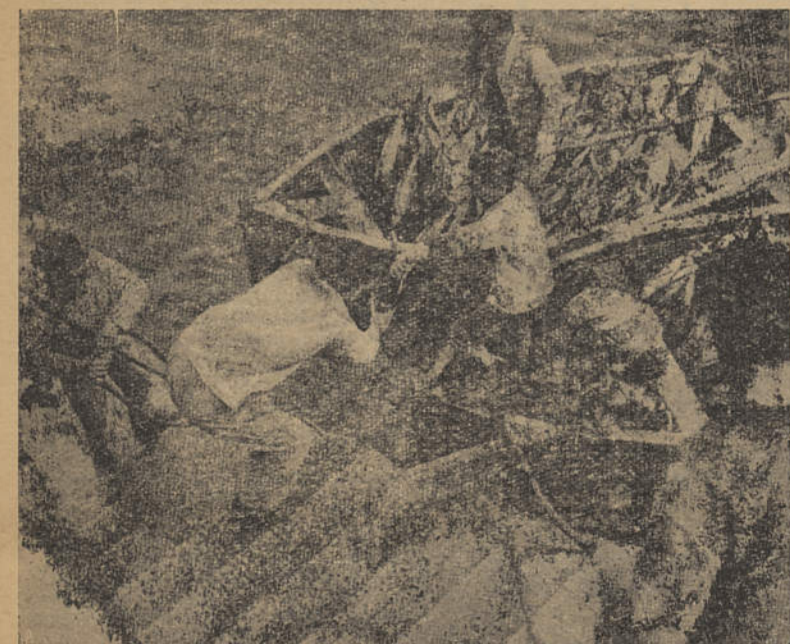
A AGRADÁVEL VIDA DA PROVÍNCIA

DOIS passos de Lisboa, começa a província. Não interessa a direcção que se tome: sul, norte, leste, oeste. A província é já ali, ao atravessar a ponte sobre o Tejo ou tomar o comboio em Santa Apolónia. Sair da capital é como atingir a reforma antes do tempo, deixar de circular, retirar-se. É trágico, mas é verdade!

E será trágico, efectivamente? Então e todos os escritores que apregoam a vida simples do campo, os seus costumes ancestrais, etc., etc.? Hoje já não é possível ter a mesma visão de Camilo ou de Eça de Queirós. O Mundo avançou, o progresso tomou conta de nós com todas as suas exigências

(Conclui na 5.ª página)

O ATUM NÃO É UM PEIXE MIGRADOR?



Regresso dos pescadores do atum a Concarneau (França)

PROBLEMA do atum é um daqueles de que não nos podemos divorciar porque ele diz directamente respeito à economia do Sotavento algarvio. A penúria de capturas é de tal ordem que há pouco deixaram de lançar duas ar-

mações, uma delas, a do Cabo de Santa Maria, a mais rendosa na espécie de direito. Poucas capturas se efectuaram no ano findo e quase nem valeu a pena levar os peixes capturados à lota tradicional, que mais o valoriza. O atum de revés nem sequer é já utilizado para a indústria de conservas, dado o desinteresse dos mercados externos por esta espécie de qualidade medíocre. Só os fabricantes de moxamas, indústria que reviviu nos últimos anos, adquirem tal atum.

(Conclui na 3.ª página)

A PESCA EM TODO O MUNDO

HOJE, a Espanha mantém o décimo lugar mundial no volume das pescas, com 1 503 100 toneladas. Segundo o relatório da FAO, o país vizinho é o segundo na Europa em pescado. Em 1968, foram apanhadas, em todo o Mundo, 64 milhões de toneladas de pescado, 7 400 000 das quais de água doce. Os primeiros lugares são ocupados pelo Peru, Japão, Rússia e China Continental.

JORNAL do ALGARVE

NOSSO prezado colega «O Sporting Olhanense» transcreveu o artigo que há semanas inserimos, «Um grande amigo de Olhão que desapareceu», do nosso dedicado colaborador João Trigueiros.

PELOS MUNICÍPIOS

FORAM reconduzidos nos cargos de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, os srs. dr. António Manuel Capa Horta Correia e Manuel Medeiros Bravo.

NOTA da redacção

O ALGARVE continua a ser esta pequena e breve província ao sul do País, à beira-mar plantada, rescendendo a laranjais e amendoeiras, descoberta há poucos anos pelo turismo e abandonada agora ao alegre destino de receber os milhares de estrangeiros que a procuram.

E como chegar ao Algarve? Eis o problema que continua a pôr-se aos turistas e aos próprios portugueses que julgam também ter direito a

POUCA TERRA, MUITA CALHA...

umas fériaszinhas ali. Mas há o avião! — dizem no Turismo em Lisboa. Apenas esse transporte nem sempre é possível, principalmente no Verão e, servindo, optimamente, o centro do Algarve, está longe de servir todo o Barlavento e Sotavento. Mas há as estradas! — acrescentam. Realmente há a rodovia para os que possuem automóvel. No entanto, as três estradas, que ligam o Algarve com o Norte do País, deixam muito a desejar e então a que liga os principais pontos da Província chega a ficar impraticável em alguns locais devido às obras externas a que a sujeitam.

Portanto, resta uma hipótese: o comboio! Efectivamente, há o caminho de ferro que deveria ser o meio mais cómodo e seguro de transporte. Apenas uns escassos 300 quilómetros desde a capital, que levam seis horas a percorrer. É verdade: seis longas horas!

Duas vezes já, nos últimos tempos, aumentaram as tarifas dos bilhetes, mas o serviço mantém-se, idêntico a si próprio. Inalterável, como o programa de desenvolvimento turístico do Algarve! Pouca terra, muita calha; pouca terra, muita calha... dizemos nós com razão.

Prometem-nos melhorias, novos horários, reforço da linha, aumento de velocidade, mas o turista que se mete no comboio continua a encontrar, desesperadamente, o Algarve, seis horas depois de deixar Lisboa... quando não há atrasos.

Como explicar este desencontro entre a C. P. e o progresso que se vem manifestando noutros sectores? Mistério que temos, por várias vezes, tentado esclarecer, em vão. Entretanto, pouca terra, muita calha...

ENSINO TEMPO DE INQUÉRITO NO ALGARVE

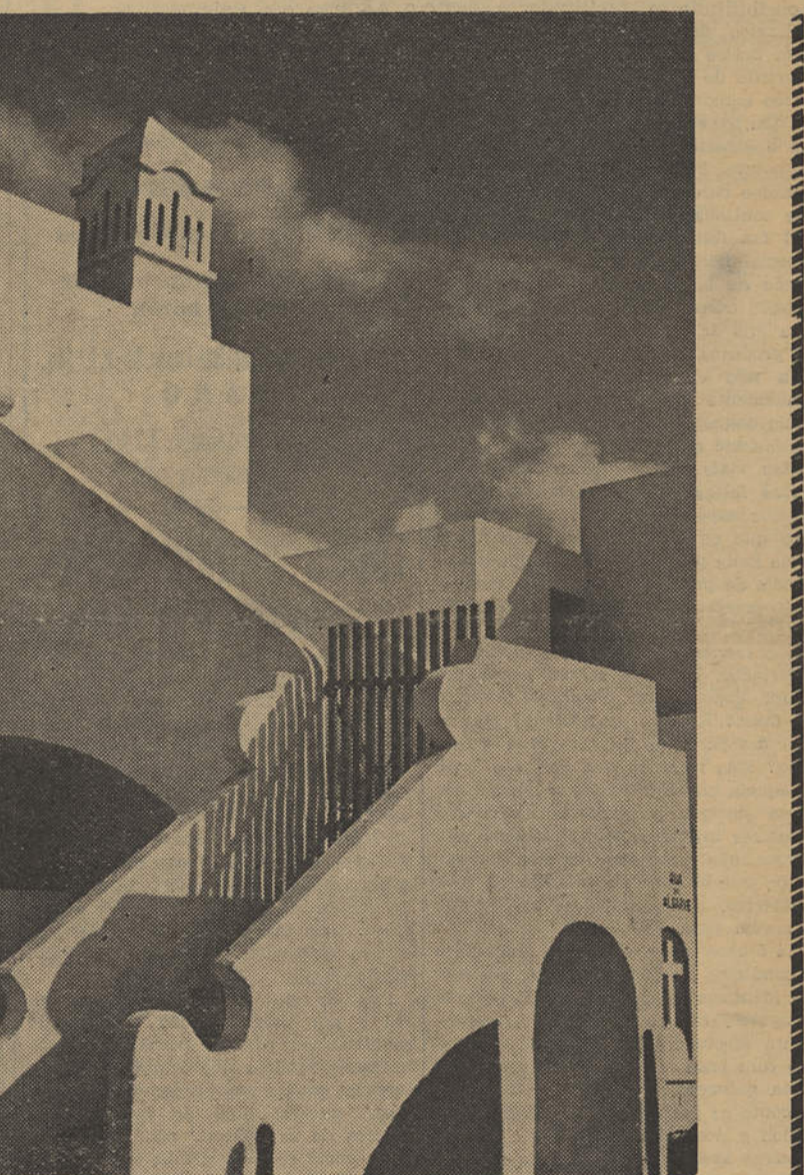
Todos os professores do ensino pós-primário em exercício no Algarve, receberam através das várias Escolas liceais, técnicas, normais e profissionais, cartas informais onde expressamos a nossa proposta de repensar o Ensino. Com ou sem regionalismo. O significado deste trabalho pertence à iniciativa de cada um de nós: os da Imprensa e os da Escola.

O Jornal do Algarve será enviado durante os trabalhos de Inquérito para cada uma das salas de professores das Escolas existentes no Algarve. Para estarmos mais próximos.

Será criada uma página especial sobre o Ensino. Um espaço aberto para todos os estudos teóricos, depoimentos, análises e interpretação estatística, mesas-redondas, reportagens. Para um esforço crítico. Para a sociedade.

Pensamos publicar em separata todos os depoimentos e estudos que tenham significado para um documento da nossa realidade.

Pensar uma Escola para o futuro — não é uma questão pessoal.



O cubismo dos mirantes e agótelas olhanenses imprime à paisagem algarvia uma nota diferente, atractiva e estranha, em que a luz e a forma parecem empenhar-se em luta sem tréguas onde a beleza prevalece.

O Ginásio de Tavira possui os melhores ciclistas portugueses — diz-nos Jorge Corvo, um «consagrado» do ciclismo nacional

entrevista por Odir Chagas

COMEÇOU a época do ciclismo e os clubes iniciaram a preparação dos seus atletas, com vista a uma campanha que promete ser rodeada de inúmeras provas. No Ginásio de Tavira trabalha-se já com afinco e vontade, no sentido de apresentar a hegemonia habitual que o guindou ao primeiro plano do ciclismo nacional. Sabe-se, entretanto, que também o Louletano regressou à modalidade e que uma equipa barlaventina está empenhada na organização da sua secção de ciclismo.

Isto prova que o ciclismo voltou a criar alento na província algarvia, regressando a verdadeira competição às suas estradas, factor tão necessário para o fomento da modalidade.

O Ginásio parece encarar com optimismo a época que ora se inicia, e contando novamente com a colaboração financeira da FAMEL, e a dedicação dos seus atletas, re-

(Conclui na 6.ª página)

APONTAMENTO

por Adão Contreiras

Os meus amigos e as minhas amigas são pessoas que se sentam à mesa do café e que passam as pessoas dos outros, sentadas nas mesas do lado. O escândalo é tão grande, que as cabeças giram como ventoinhas, atingindo com os olhos as pessoas dos meus amigos, e eu.

Um dia...!
— Você, homem de ar carrancudo, que raiz tem a confiança e crença absurda de que a comissura

(Conclui na última página)

A saúde é a maior riqueza

Dentes estragados

Os dentes estragados, além de determinarem mau hábito, são responsáveis por inúmeras perturbações da saúde. É preciso tratar dos dentes o mais cedo possível.

Mande examinar os seus dentes pelo menos duas vezes por ano.

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

ALGARVE QUARTOS COM CASA DE BANHO CHAMBRES AVEC SAILE DE BAIN ROOMS WITH BATH ROOM RESERVAS: RUA GONÇALO BARRETO, 1 TELEF.: 240 63 TELEG.: RESIDENCIAMARIM FARO * ALGARVE * PORTUGAL

CRÓNICA DE FARO por JOÃO LEAL

O aeroporto e o posto de Correios NINGUÉM ousará hoje contestar a extraordinária valia do aeroporto de Faro, porta do Algarve aberta ao Mundo. E mais do que porta de entrada na provincia do Sul, tem-no sido do próprio País nos muitos e longos períodos em que o Aeroporto da Portela tem estado encerrado devido ao nevoeiro. Com o incremento que a aviação comercial está conhecendo estamos em crer que nos anos próximos conhecerá um afluxo verdadeiramente ascensional, se para tanto lhe for possibilitado e facilitado o servir o Algarve e o País.

Serviço de imprensa nos levou lá num destes dias em que o tráfego foi desviado de Lisboa. Era intenso, magnífico o movimento que ali se operava. Só que toda a gente lamentava as muitas e grandes deficiências que por ali se notam. Por exemplo, o posto de câmbios cujo concurso já se realizou e que continua sem aparecer. E faz falta, muita falta mesmo em especial nestes dias de «nevoeiro» que o são de luminosa vida para a nossa estação aérea. Como falta faz também uma loja de artigos regionais e outros, de produtos portugueses, a tal «Shop» cuja não existência entristece profundamente os olhos profundamente azuis daquela nórdica que o «nevoeiro» trouxe até ao Algarve. Mas mais do que estas faltas, das várias faltas que ali se notam referimo-nos especialmente ao péssimo serviço que os C. T. T. (ora com outro nome mais pomposo, se bem que a eficiência se processa nos moldes usuais) estão a prestar ao Algarve com o posto instalado no Aeroporto. Não funciona o mesmo aos domingos e feriados. Então e se um passageiro quiser expedir um telegrama como o qual fazer? Recurso ao telefone? Mas se este faz parte do posto e está encerrado? Mas mais do que isso é o facto de aquela unidade funcionar apenas nas horas em que se processam carreiras regulares internacionais ou domésticas. Porque não criar um regime permanente, que abrangesse também os voos «charters», assim como os aviões que divergem para Faro? Há 5 anos que o aeroporto funciona e as condições em que os C. T. T. laboram são idênticas às instauradas no período inaugural. Dizem-nos que foi recentemente efectuado um inquérito estatístico com base no movimento verificado numa quinzena, mas sem ter em linha de conta os passageiros dos aviões desviados e dos «charters». Claro que os números assim recolhidos terão que ser forçosamente inferiores aos que efectivamente aconteceram. Recordemos que só num dia foram mais de mil os passageiros dos aviões que o nevoeiro existente em Lisboa trouxe para Faro. Assim e ao analisar a expressão numérica qualquer operação para solucionar o assunto é fatalmente deturpada. Outro facto que deveria ser considerado era de que este posto com um mais amplo horário e a possibilidade de efectuar todas as operações serviria a praia de Faro e o Montenegro, evitando-se as necessárias deslocações à cidade. Vem aí nova época de Verão. Prevê-se intenso movimento no aeroporto de Faro, quer nos voos fretados, como nas carreiras regulares. Será que os C. T. T. vão continuar divorciados do assunto? Espera-se que não, a bem do Algarve e do País, a bem da economia da própria empresa, espera-se que não!

Mas mais do que estas faltas, das várias faltas que ali se notam referimo-nos especialmente ao péssimo serviço que os C. T. T. (ora com outro nome mais pomposo, se bem que a eficiência se processa nos moldes usuais) estão a prestar ao Algarve com o posto instalado no Aeroporto. Não funciona o mesmo aos domingos e feriados. Então e se um passageiro quiser expedir um telegrama como o qual fazer? Recurso ao telefone? Mas se este faz parte do posto e está encerrado? Mas mais do que isso é o facto de aquela unidade funcionar apenas nas horas em que se processam carreiras regulares internacionais ou domésticas. Porque não criar um regime permanente, que abrangesse também os voos «charters», assim como os aviões que divergem para Faro? Há 5 anos que o aeroporto funciona e as condições em que os C. T. T. laboram são idênticas às instauradas no período inaugural. Dizem-nos que foi recentemente efectuado um inquérito estatístico com base no movimento verificado numa quinzena, mas sem ter em linha de conta os passageiros dos aviões desviados e dos «charters». Claro que os números assim recolhidos terão que ser forçosamente inferiores aos que efectivamente aconteceram. Recordemos que só num dia foram mais de mil os passageiros dos aviões que o nevoeiro existente em Lisboa trouxe para Faro. Assim e ao analisar a expressão numérica qualquer operação para solucionar o assunto é fatalmente deturpada. Outro facto que deveria ser considerado era de que este posto com um mais amplo horário e a possibilidade de efectuar todas as operações serviria a praia de Faro e o Montenegro, evitando-se as necessárias deslocações à cidade. Vem aí nova época de Verão. Prevê-se intenso movimento no aeroporto de Faro, quer nos voos fretados, como nas carreiras regulares. Será que os C. T. T. vão continuar divorciados do assunto? Espera-se que não, a bem do Algarve e do País, a bem da economia da própria empresa, espera-se que não!

António dos Santos Domingos Técnico de contas

Revisor de contas ao abrigo do art.º 44.º do Decreto-Lei n.º 49 381. Escritório: Rua Cruz das Mestras, n.º 20, Telef. 22357 - FARO.

ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se no mês de Fevereiro e seguintes, em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

Empregada

Precisa-se, para escritório em Faro, com prática de dactilografia, escrituração, facturas e expediente geral. Dirigir a: M. Pires Vitória - Rua de S. Pedro, 10 - FARO.

MOTORES PARA CHALANDRAS FARYMANN E AUXILIARES DE BORDO FARYMANN EQUIPAMENTOS DE LABORATORIO, LDA.

TINTAS «EXCELSIOR»

Arrenda-se

Ótimo estabelecimento comercial na povoação de Algez. Composto de bem montada mercearia, casa de pasto e um café, tudo em seções independentes, mas no mesmo bloco. Casa fundada há 40 anos, possuindo todos os acessórios modernos e inerentes às respectivas seções. Possui condições de habitação. Motivo não poder estar à testa do mesmo. Resposta ao n.º 12 613.

DE TUDO PARA TODOS

A QUADRA DE HOJE Amar, ódio, furor, alma... Tudo é luz da mesma chama! Não tem a palavra alma As mesmas letras da lama? Loureiro Botas

PARA OS «ALFINETES»... Os alfinetes foram inventados por um inglês, no século XIV. Só tinha ele, porém, permissão para vendê-los nos primeiros dias do mês de Janeiro, e nessa ocasião, as damas se reuniam, ansiosas por adquiri-los. Eram então, caríssimos, tanto, que havia o costume de obsequiá-las com determinada quantia «para os alfinetes». Daí vem, naturalmente, a frase «dinheiro para alfinetes» referentes às despesas com miudezas feitas pelas representantes do sexo fraco...

COMO ELES PENSAVAM Em certas circunstâncias da vida mesmo um amigo deve estar em silêncio ao pé de nós. A consolação falada agrava a ferida e revela a sua profundidade. — Balsac *** Uma escola é a reunião, junto de alguém que tem talento, de muitos que o não têm — F. de Croisset *** Fical deslumbrado com o ouro que brilha na casa dos ricos; vedes bem o que eles possuem, mas não vedes o que lhes falta. — S. Agostinho

O DOCE NUNCA AMARGOU Docinhos de banana — 6 bananas; 12 colheres das de sopa, de açúcar; 1 colher das de sopa de chocolate

TAMBÉM NA COZINHA SE PODE SER ARTISTA Lombo trufado — Arranja-se um bom bocado de lombo. Com uma faca bem afiada, desdobra-se o lombo, para ficar bastante largo, para se poder rechear. Barra-se o lombo com mostarda francesa, um pouco de sal, umas fatias de presunto cortadas finas, umas trufas cortadas aos bocadinhos, 3 ovos crus, um cálice de vinho da Madeira. Deixa-se assim estar a carne uma hora com todos estes ingredientes. Depois enrola-se, amarrando bem. Cobre-se com umas fatias de toucinho. Numa assadeira, deita-se-lhe um bom bocado de manteiga, depois põe-se o lombo com mais umas nozes de manteiga e mais um cálice de vinho da Madeira, assim como umas cebolinhas pequenas. Regue-se constantemente, pois não convém que a carne seque no forno. Não esquecer depois de pronta a carne de desengordurar o molho.

E AGORA NAO RIA! — O senhor é do Alentejo? — Metade, sim, metade, não. — Então, explique lá isso. — É que quando de lá sai, pesava quarenta quilos, e agora peso oitenta.

ECOS Partidas e chegadas

Ausentou-se para a Bélgica, e fim de jantar-se a seu marido, actualmente ali empregado, a sr.ª D. Maria Teresa Barão Madeira, empregada comercial em Vila Real de Santo António, onde gozava de gerais simpatias. — Transferiu a sua residência, temporariamente, de Lisboa para Odeleite, o nosso assinante sr. José Francisco Santos. — Está a férias em Vila Real de Santo António o sr. alferes miliciano Luís Manuel Oeiras Fernandes, filho da sr.ª D. Elvira do Carmo Oeiras Fernandes e do sr. Rafael António Fernandes Júnior. — Em viagem de negócios deslocou-se ao Algarve o sr. Domingos Chagas, nosso assinante nos Estados Unidos da América. — Deslocou-se aos Estados Unidos da América, em missão de estudo, o sr. dr. Diamantino Baltazar, nosso assinante em Faro. — Partiu para a Suécia para estágio nas fábricas da Alfa Laval, o nosso assinante em Lisboa sr. João Reis Honrado.

Casamento Em Lagos, realizou-se o casamento da sr.ª D. Natividade de Jesus Inácio, filha da sr.ª D. Felismina de Jesus e do sr. António Inácio, com o sr. Joaquim Rosa Ribeiro, filho da sr.ª D. Deodata Rosa Cabeça e do sr. Edmundo Ribeiro. Após o almoço num restaurante lacobrigense, os noivos seguiram para Albufeira.

ARMÁCIAS DE SERVIÇO Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade. Em FARO, hoje, a Farmácia Graça Mira; amanhã, Pereira Gago; segunda-feira, Pontes Sequeira; terça, Baptista; quarta, Oliveira Bomba; quinta, Alexandre e sexta-feira, Crespo Santos. Em LAGOS, a Farmácia Lacobrigense. Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Confiança; amanhã, Pinheiro; segunda-feira, Pinto; terça, Avenida; quarta, Madeira; quinta, Confiança e sexta-feira, Pinheiro. Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Pacheco; amanhã, Progresso; segunda-feira, Oihanense; terça, Ferro; quarta, Rocha; quinta, Pacheco e sexta-feira, Progresso. Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Carvalho; amanhã, Rosa Nunes; segunda-feira, Dias; terça, Central; quarta, Oliveira Furtado; quinta, Moderna e sexta-feira, Carvalho. Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Dias Neves; amanhã, Pereira; segunda-feira, Monteiro; terça, Dias Neves; quarta, Pereira; quinta, Monteiro e sexta-feira, Dias Neves. Em SILVES, hoje, a Farmácia Ventura; e até sexta-feira, a Farmácia Duma. Em TAVIRA, a Farmácia Central. Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

CINEMAS Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Não perca a cabeça»; amanhã, «A pouxada da 6.ª felicidade»; terça-feira, «Profissionais do crime»; quinta-feira, «O massacre de Chicago». Em ALVOR, no Cine-Alvor, hoje, «Céu vermelho» e «Mulheres e recrutas»; amanhã, «Golpe de mestre à napoletana». Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Ninho de espíritos» e «Barba negra, o pirata»; amanhã, «Bullitt». Em LOULÉ, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «O bandoleiro negro» e «As águilas negras de Santa Fé»; amanhã, «Chitt, chitt, bang, bang». Em OLHÃO, no Cinema-Teatro, hoje, «Epitáfio» e «O homem do chapéu mole»; amanhã, em matiné e soirée, «A fera amansada» e «O pistoleiro relâmpago». Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, em matiné, «Astérix, o gaule» e em soirée, «Spartacus»; amanhã, «Isadora». Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «Como matei Raspoutine»; amanhã, em matiné e soirée, «O diabo era outro»; terça-feira, «Mata-me depressa que tenho frio»; quinta-feira, «FBI contra coisa nostra». Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, amanhã, «O Santo em acção»; terça-feira, «100 armas ao Sol»; quinta-feira, «Noite de violência».

AGÊNCIA ESTÊVÃO de João Mendes Martins Estêvão Funerais e trasladações no País e para o Estrangeiro SERVIÇO PERMANENTE Telefone 637208 Rua Morais Soares, N.º 40-B - LISBOA

Novos corpos gerentes

Círculo Cultural do Algarve Em assembleia geral foram eleitos os novos corpos gerentes do Círculo Cultural do Algarve, para o ano de 1970, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, Manuel Aleixo da Cunha; secretários, Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães e Jorge Morgado André. Comissão directiva — Elviro Augusto da Rocha Gomes, Casimiro Cavaco Correia de Brito, José Hensler Vieira Branco e José Luís Leite da Silva Louro. Conselho fiscal — presidente, António Pedro Madeira; relator, José Rodrigues Santos; vogal, António Gomes Afonso. Suplentes: Assembleia geral — presidente, Tito Olvívio Henriques; secretários, Eduardo Gonçalves Dóres e João Afonso Henriques. Comissão directiva — Manuel Ponce, Gilberto Carvalho Santos, José João Duarte Craveirinha e Lino Lopes Freire. Conselho fiscal — presidente, João António Viegas Libório; relator, Firmino Correia Modesto; vogal, Anselmo de Sousa Martins Curto.

Montepio dos Artistas de Faro Várias vezes temos tido o ensejo de referir a extraordinária acção desenvolvida pela Associação de Socorros Mútuos Protectora dos Artistas de Faro (Montepio dos Artistas) fundada no já distante ano de 1856. O seu esquema de assistência na doença, numa época de autêntico pioneirismo, revestiu-se sempre do maior interesse social e ainda hoje assim o devemos considerar. Há dias, efectuou-se a assembleia geral do Montepio dos Artistas para eleição dos novos corpos gerentes para o corrente ano, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, eng. António da Silva Graça Mira; secretários, José Pires Costa e Vitor Manuel da Cunha; vice-presidente, José António Pinheiro Rosa; vice-secretários, Jorge António da Costa Moita e António João de Brito. Direcção — presidente, Sérgio Adrião Gonçalves Madeira; secretário, Manuel da Costa Alves Infante; tesoureiro, José Jorge; vogais, Avelino da Cruz Pires dos Santos, José Alexandre dos Santos, José Joaquim Alvaro e Virgílio da Silva Bago. Substitutos: Manuel de Carvalho Rasquilho, Fernando Xavier Hipólito, Manuel dos Santos, António José Péllica Junior, Armando Pereira Leiria, Cândido Correia de Jesus Júnior e José da Encarnação Grahalho. Conselho fiscal — presidente, Emílio Vitorino Santos; secretário, João Henrique de Lima; relator, Rui da Silva Ponte. Substitutos: António José Ventura Leiria, José Inácio Guleiro Pereira e Mário Isidoro Dias. Comissão administrativa da «Caixa de Auxílios» — presidente, Ildefonso de Oliveira Peres; secretário, António

Montepio Artístico Tavirense (Associação de Socorros Mútuos) Foram eleitos os novos corpos gerentes do Montepio Artístico Tavirense (Associação de Socorros Mútuos), para 1970, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, Paulo Joaquim de Oliveira; vice-presidente, Manuel Pedro Mendonça; secretários, José Duarte e Francisco de Paula Bruno Garcia; vice-secretários, José João Marques do Nascimento e Teodósio Teixeira Gomes. Direcção — presidente, José Luís Camilo da Trindade; tesoureiro, José Martinho da Palma; secretário, José das Neves; vogais, Manuel Florival Arrais Gaspar e José Manuel Baptista Correia. Direcção (Suplentes) — António Conceição, José Francisco José Maurício Mendes, José Joaquim Honorato Peres e Manuel de Jesus Vaz da Costa. Conselho fiscal — presidente, José Damiano Neto; secretário, José Augusto da Fonseca; relator, Bebião António Marçal. Conselho fiscal (Suplentes) — Sebastião José, Francisco Joaquim Caçô e Jaime da Conceição Dias.

Ginásio Clube de Tavira Em assembleia geral foram eleitos os seguintes corpos directivos do Ginásio Clube de Tavira para o biénio de 1970/71: Assembleia geral — presidente, eng. José Francisco Pereira Assunção; vice-presidente, Fernando Dário Bandeira Carvalho; secretários, Armando Romão da Rosa e Virgílio Evaristo Cavaco. Direcção — presidente, Rafael Amador Cordeiro; vice-presidente, José Manuel Brito da Massa; secretários, José Modesto Massena Gago e Jorge Manuel Dias; tesoureiro, Ofir Renato das Chagas. Suplentes: secretários, Jorge Henrique Viegas Corvo e Leonillo Eduardo Figueira Santos; tesoureiro, José Fernando Chagas Canasado. Conselho fiscal — presidente, José Emídio Fernandes Sotero; secretário, José Viegas; relator, João Bandeira Carvalho. Suplentes — presidente, Manuel Maria Fonce de C. Centeno; secretário, Manuel Gomes Garcia; relator, Emílio Nascimento Palmeira.

Club Algarvio de Motorismo Realizou-se em 28 do mês findo a primeira assembleia geral do C. A. M. (Club Algarvio de Motorismo), numa das salas do Hotel Santa Maria. Após ter sido divulgada a constituição do clube procedeu-se à leitura e aprovação do projecto dos estatutos. Entre os sócios presentes, considerados fundadores, e a comissão organizadora foi travado oportuno diálogo sobre os vários artigos dos estatutos, do qual salientamos as positivas intervenções do sr. Correia de Almeida. Verificou-se o particular interesse que o clube poderá ter no consócio do turismo algarvio, atendendo à fomentação que os desportos mecânicos irão usufruir na nossa Província. No final da assembleia foram votadas a direcção, assembleia geral e conselho fiscal, que terão os seguintes membros: Direcção — presidente, dr. Manuel Figueiredo; vice-presidente, dr. Rui António Cachola; secretário, João Carlos Dionísio Botelho; tesoureiro, João Carlos Correia de Almeida; vogal, Viriato Castanheira Serrinha. Assembleia geral — presidente, dr. Manuel Mendes Gonçalves; vice-presidente, dr. Pedro José Soares Ferreira; secretário, Pedro Ataíde Ferreira Cabecadas. Conselho fiscal — presidente, eng. António Lopes Serra; relator, Luís António Costa do Rosário; vogal, Antero Salazar D'Ágca.

AGÊNCIA ESTÊVÃO de João Mendes Martins Estêvão Funerais e trasladações no País e para o Estrangeiro SERVIÇO PERMANENTE Telefone 637208 Rua Morais Soares, N.º 40-B - LISBOA

Novos corpos gerentes

Círculo Cultural do Algarve Em assembleia geral foram eleitos os novos corpos gerentes do Círculo Cultural do Algarve, para o ano de 1970, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, Manuel Aleixo da Cunha; secretários, Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães e Jorge Morgado André. Comissão directiva — Elviro Augusto da Rocha Gomes, Casimiro Cavaco Correia de Brito, José Hensler Vieira Branco e José Luís Leite da Silva Louro. Conselho fiscal — presidente, António Pedro Madeira; relator, José Rodrigues Santos; vogal, António Gomes Afonso. Suplentes: Assembleia geral — presidente, Tito Olvívio Henriques; secretários, Eduardo Gonçalves Dóres e João Afonso Henriques. Comissão directiva — Manuel Ponce, Gilberto Carvalho Santos, José João Duarte Craveirinha e Lino Lopes Freire. Conselho fiscal — presidente, João António Viegas Libório; relator, Firmino Correia Modesto; vogal, Anselmo de Sousa Martins Curto.

Montepio dos Artistas de Faro Várias vezes temos tido o ensejo de referir a extraordinária acção desenvolvida pela Associação de Socorros Mútuos Protectora dos Artistas de Faro (Montepio dos Artistas) fundada no já distante ano de 1856. O seu esquema de assistência na doença, numa época de autêntico pioneirismo, revestiu-se sempre do maior interesse social e ainda hoje assim o devemos considerar. Há dias, efectuou-se a assembleia geral do Montepio dos Artistas para eleição dos novos corpos gerentes para o corrente ano, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, eng. António da Silva Graça Mira; secretários, José Pires Costa e Vitor Manuel da Cunha; vice-presidente, José António Pinheiro Rosa; vice-secretários, Jorge António da Costa Moita e António João de Brito. Direcção — presidente, Sérgio Adrião Gonçalves Madeira; secretário, Manuel da Costa Alves Infante; tesoureiro, José Jorge; vogais, Avelino da Cruz Pires dos Santos, José Alexandre dos Santos, José Joaquim Alvaro e Virgílio da Silva Bago. Substitutos: Manuel de Carvalho Rasquilho, Fernando Xavier Hipólito, Manuel dos Santos, António José Péllica Junior, Armando Pereira Leiria, Cândido Correia de Jesus Júnior e José da Encarnação Grahalho. Conselho fiscal — presidente, Emílio Vitorino Santos; secretário, João Henrique de Lima; relator, Rui da Silva Ponte. Substitutos: António José Ventura Leiria, José Inácio Guleiro Pereira e Mário Isidoro Dias. Comissão administrativa da «Caixa de Auxílios» — presidente, Ildefonso de Oliveira Peres; secretário, António

Montepio Artístico Tavirense (Associação de Socorros Mútuos) Foram eleitos os novos corpos gerentes do Montepio Artístico Tavirense (Associação de Socorros Mútuos), para 1970, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, Paulo Joaquim de Oliveira; vice-presidente, Manuel Pedro Mendonça; secretários, José Duarte e Francisco de Paula Bruno Garcia; vice-secretários, José João Marques do Nascimento e Teodósio Teixeira Gomes. Direcção — presidente, José Luís Camilo da Trindade; tesoureiro, José Martinho da Palma; secretário, José das Neves; vogais, Manuel Florival Arrais Gaspar e José Manuel Baptista Correia. Direcção (Suplentes) — António Conceição, José Francisco José Maurício Mendes, José Joaquim Honorato Peres e Manuel de Jesus Vaz da Costa. Conselho fiscal — presidente, José Damiano Neto; secretário, José Augusto da Fonseca; relator, Bebião António Marçal. Conselho fiscal (Suplentes) — Sebastião José, Francisco Joaquim Caçô e Jaime da Conceição Dias.

Ginásio Clube de Tavira Em assembleia geral foram eleitos os seguintes corpos directivos do Ginásio Clube de Tavira para o biénio de 1970/71: Assembleia geral — presidente, eng. José Francisco Pereira Assunção; vice-presidente, Fernando Dário Bandeira Carvalho; secretários, Armando Romão da Rosa e Virgílio Evaristo Cavaco. Direcção — presidente, Rafael Amador Cordeiro; vice-presidente, José Manuel Brito da Massa; secretários, José Modesto Massena Gago e Jorge Manuel Dias; tesoureiro, Ofir Renato das Chagas. Suplentes: secretários, Jorge Henrique Viegas Corvo e Leonillo Eduardo Figueira Santos; tesoureiro, José Fernando Chagas Canasado. Conselho fiscal — presidente, José Emídio Fernandes Sotero; secretário, José Viegas; relator, João Bandeira Carvalho. Suplentes — presidente, Manuel Maria Fonce de C. Centeno; secretário, Manuel Gomes Garcia; relator, Emílio Nascimento Palmeira.

Club Algarvio de Motorismo Realizou-se em 28 do mês findo a primeira assembleia geral do C. A. M. (Club Algarvio de Motorismo), numa das salas do Hotel Santa Maria. Após ter sido divulgada a constituição do clube procedeu-se à leitura e aprovação do projecto dos estatutos. Entre os sócios presentes, considerados fundadores, e a comissão organizadora foi travado oportuno diálogo sobre os vários artigos dos estatutos, do qual salientamos as positivas intervenções do sr. Correia de Almeida. Verificou-se o particular interesse que o clube poderá ter no consócio do turismo algarvio, atendendo à fomentação que os desportos mecânicos irão usufruir na nossa Província. No final da assembleia foram votadas a direcção, assembleia geral e conselho fiscal, que terão os seguintes membros: Direcção — presidente, dr. Manuel Figueiredo; vice-presidente, dr. Rui António Cachola; secretário, João Carlos Dionísio Botelho; tesoureiro, João Carlos Correia de Almeida; vogal, Viriato Castanheira Serrinha. Assembleia geral — presidente, dr. Manuel Mendes Gonçalves; vice-presidente, dr. Pedro José Soares Ferreira; secretário, Pedro Ataíde Ferreira Cabecadas. Conselho fiscal — presidente, eng. António Lopes Serra; relator, Luís António Costa do Rosário; vogal, Antero Salazar D'Ágca.

AGENDA

NECROLOGIA António José dos Santos Faleceu em Portimão, de onde era natural, o sr. António José dos Santos, de 62 anos, profissional da indústria conserveira. Deixa viúva a sr.ª D. Aurora da Conceição Januário dos Santos e era pai da sr.ª D. Maria Luísa da C. J. Alemão, casada com o sr. Leonar do Alemão, e do sr. Salvador Januário dos Santos, residentes em Lisboa, e irmão do sr. Venâncio José dos Santos.

José Guerreiro Em Portimão, de onde era natural, faleceu o sr. José Guerreiro, de 75 anos, comerciante, que deixa viúva a sr.ª D. Maria Rosa Nunes. Era pai do sr. José Nunes Guerreiro, avô da menina Carmen Dolores Guerreiro Canelas e do sr. Joaquim José Guerreiro Canelas e sogro do sr. Joaquim Fernandes Canelas (Matos).

António Lima No sítio de Aldeia Nova (Vila Real de Santo António), faleceu o sr. António Lima, de 80 anos, natural daquela vila. Era pai das sr.ªs D. Laura Pires Lima Rua, D. Maria da Encarnação Lima Ferragudo e D. Rita Pires Lima Nascimento; sogro dos sr. José Pereira Rua, Valentim J. Ferragudo e José do Nascimento; e avô das sr.ªs D. Maria Laura Lima Rua, D. Maria Adelaide Lima Rua, D. Maria Valentina Lima Ferragudo e do sr. José Amândio Lima Nascimento.

D. Idalina Fausta Mascarenhas Apolónia Em Lisboa faleceu a sr.ª D. Idalina Fausta Mascarenhas Apolónia, de 87

anos, natural de Tavira. Era irmã da sr.ª D. Maria Antónia Mascarenhas Apolónia Pinto Fernandes, casada com o sr. dr. Albino Rodrigues Pinto Fernandes, tia da sr.ª dr.ª Maria Regina Apolónia Pinto Fernandes Coelho da Silva e dos sr. dr. Fernando Rui Mascarenhas Apolónia Pinto Fernandes e dr. João António Apolónia Pinto Fernandes. TAMBÉM FALBERAM: No sítio da PEDRA ALVA (Vila Nova de Cacela) — o sr. José António, de 80 anos, natural de Vila Nova de Cacela, viúvo de D. Rosa de Jesus Gonçalves. No sítio do POÇO BARRETO — o sr. Manuel Salvador Sustelo, dali natural, casado com a sr.ª D. Cláudia Amélia da Silva, pai da sr.ª D. Maria do Carmo Sustelo Cabrita e avô da menina Idalécia Sustelo Cabrita. Em LISBOA — a sr.ª D. Almerinda de Jesus Sousa Padinha, de 55 anos, natural de Tavira, casada com o sr. Emílio da Conceição Padinha. — a sr.ª D. Emília do Carmo Vilão, de 89 anos, viúva, natural de Albufeira. — a sr.ª D. Maria da Piedade Cavaco Gomes, de 83 anos, viúva, natural de S. Bartolomeu de Messines. — a sr.ª D. Maria Carlota Gonçalves Teixeira, de 84 anos, natural de Tavira, viúva de António Francisco Teixeira. — a sr.ª D. Maria de Sousa Matos, de 84 anos, natural de Lagoa. — o sr. José Viegas, de 79 anos, viúvo, natural de Santa Maria (Lagos), pai das sr.ªs D. Maria Teresa Viegas Pinto e D. Palmira da Encarnação Viegas Calado e sogro do sr. Francisco Pinto. — o sr. Francisco Fernandes Afonso, de 49 anos, natural de Azinhã (Castro Marim), casado com a sr.ª D. Eugénia Teixeira Vieira e pai da menina Eva Maria Vieira Fernandes. As famílias enlutadas apresenta Jornal do Algarve, sentidos pésames.

AGÊNCIA ESTÊVÃO

de João Mendes Martins Estêvão Funerais e trasladações no País e para o Estrangeiro SERVIÇO PERMANENTE Telefone 637208 Rua Morais Soares, N.º 40-B - LISBOA

Novos corpos gerentes

Círculo Cultural do Algarve Em assembleia geral foram eleitos os novos corpos gerentes do Círculo Cultural do Algarve, para o ano de 1970, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, Manuel Aleixo da Cunha; secretários, Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães e Jorge Morgado André. Comissão directiva — Elviro Augusto da Rocha Gomes, Casimiro Cavaco Correia de Brito, José Hensler Vieira Branco e José Luís Leite da Silva Louro. Conselho fiscal — presidente, António Pedro Madeira; relator, José Rodrigues Santos; vogal, António Gomes Afonso. Suplentes: Assembleia geral — presidente, Tito Olvívio Henriques; secretários, Eduardo Gonçalves Dóres e João Afonso Henriques. Comissão directiva — Manuel Ponce, Gilberto Carvalho Santos, José João Duarte Craveirinha e Lino Lopes Freire. Conselho fiscal — presidente, João António Viegas Libório; relator, Firmino Correia Modesto; vogal, Anselmo de Sousa Martins Curto.

Montepio dos Artistas de Faro Várias vezes temos tido o ensejo de referir a extraordinária acção desenvolvida pela Associação de Socorros Mútuos Protectora dos Artistas de Faro (Montepio dos Artistas) fundada no já distante ano de 1856. O seu esquema de assistência na doença, numa época de autêntico pioneirismo, revestiu-se sempre do maior interesse social e ainda hoje assim o devemos considerar. Há dias, efectuou-se a assembleia geral do Montepio dos Artistas para eleição dos novos corpos gerentes para o corrente ano, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, eng. António da Silva Graça Mira; secretários, José Pires Costa e Vitor Manuel da Cunha; vice-presidente, José António Pinheiro Rosa; vice-secretários, Jorge António da Costa Moita e António João de Brito. Direcção — presidente, Sérgio Adrião Gonçalves Madeira; secretário, Manuel da Costa Alves Infante; tesoureiro, José Jorge; vogais, Avelino da Cruz Pires dos Santos, José Alexandre dos Santos, José Joaquim Alvaro e Virgílio da Silva Bago. Substitutos: Manuel de Carvalho Rasquilho, Fernando Xavier Hipólito, Manuel dos Santos, António José Péllica Junior, Armando Pereira Leiria, Cândido Correia de Jesus Júnior e José da Encarnação Grahalho. Conselho fiscal — presidente, Emílio Vitorino Santos; secretário, João Henrique de Lima; relator, Rui da Silva Ponte. Substitutos: António José Ventura Leiria, José Inácio Guleiro Pereira e Mário Isidoro Dias. Comissão administrativa da «Caixa de Auxílios» — presidente, Ildefonso de Oliveira Peres; secretário, António

Montepio Artístico Tavirense (Associação de Socorros Mútuos) Foram eleitos os novos corpos gerentes do Montepio Artístico Tavirense (Associação de Socorros Mútuos), para 1970, que ficaram assim constituídos: Assembleia geral — presidente, Paulo Joaquim de Oliveira; vice-presidente, Manuel Pedro Mendonça; secretários, José Duarte e Francisco de Paula Bruno Garcia; vice-secretários, José João Marques do Nascimento e Teodósio Teixeira Gomes. Direcção — presidente, José Luís Camilo da Trindade; tesoureiro, José Martinho da Palma; secretário, José das Neves; vogais, Manuel Florival Arrais Gaspar e José Manuel Baptista Correia. Direcção (Suplentes) — António Conceição, José Francisco José Maurício Mendes, José Joaquim Honorato Peres e Manuel de Jesus Vaz da Costa. Conselho fiscal — presidente, José Damiano Neto; secretário, José Augusto da Fonseca; relator, Bebião António Marçal. Conselho fiscal (Suplentes) — Sebastião José, Francisco Joaquim Caçô e Jaime da Conceição Dias.

Ginásio Clube de Tavira Em assembleia geral foram eleitos os seguintes corpos directivos do Ginásio Clube de Tavira para o biénio de 1970/71: Assembleia geral — presidente, eng. José Francisco Pereira Assunção; vice-presidente, Fernando Dário Bandeira Carvalho; secretários, Armando Romão da Rosa e Virgílio Evaristo Cavaco. Direcção — presidente, Rafael Amador Cordeiro; vice-presidente, José Manuel Brito da Massa; secretários, José Modesto Massena Gago e Jorge Manuel Dias; tesoureiro, Ofir Renato das Chagas. Suplentes: secretários, Jorge Henrique Viegas Corvo e Leonillo Eduardo Figueira Santos; tesoureiro, José Fernando Chagas Canasado. Conselho fiscal — presidente, José Emídio Fernandes Sotero; secretário, José Viegas; relator, João Bandeira Carvalho. Suplentes — presidente, Manuel Maria Fonce de C. Centeno; secretário, Manuel Gomes Garcia; relator, Emílio Nascimento Palmeira.

Club Algarvio de Motorismo Realizou-se em 28 do mês findo a primeira assembleia geral do C. A. M. (Club Algarvio de Motorismo), numa das salas do Hotel Santa Maria. Após ter sido divulgada a constituição do clube procedeu-se à leitura e aprovação do projecto dos estatutos. Entre os sócios presentes, considerados fundadores, e a comissão organizadora foi travado oportuno diálogo sobre os vários artigos dos estatutos, do qual salientamos as positivas intervenções do sr. Correia de Almeida. Verificou-se o particular interesse que o clube poderá ter no consócio do turismo algarvio, atendendo à fomentação que os desportos mecânicos irão usufruir na nossa Província. No final da assembleia foram votadas a direcção, assembleia geral e conselho fiscal, que terão os seguintes membros: Direcção — presidente, dr. Manuel Figueiredo; vice-presidente, dr. Rui António Cachola; secretário, João Carlos Dionísio Botelho; tesoureiro, João Carlos Correia de Almeida; vogal, Viriato Castanheira Serrinha. Assembleia geral — presidente, dr. Manuel Mendes Gonçalves; vice-presidente, dr. Pedro José Soares Ferreira; secretário, Pedro Ataíde Ferreira Cabecadas. Conselho fiscal — presidente, eng. António Lopes Serra; relator, Luís António Costa do Rosário; vogal, Antero Salazar D'Ágca.

Horácio Pinto Gago LOULÉ

O mais completo sortido em Móveis, Estofos, Decorações

Para completar a vossa decoração, aquilo que lhe possa faltar encontrará Vossa Excelência na nossa Casa

Agente dos famosos Colchões MOLAFLEX

Telef. 83 Falamos Francês e Inglês

O ATUM não é um peixe migrador?

(Conclusão da 1.ª página)

Nós continuamos convencidos de que a pesca do atum não se pode considerar liquidada no Algarve. Temos para nós que, tal como se verificou em tempos já distantes, a escassez que padecemos é transitória e deve atribuir-se a qualquer fenómeno já registado em tempos antigos pois, ao que parece, há conhecimento de que em certo ano já distante não se capturou sequer um atum na nossa costa. Temos que admitir portanto que alguma alteração se produziu que perturbou a normalidade da pesca. Ainda há pouco tempo veio a público a notícia de que se descobrira recentemente um desvio na corrente do Golfo. Terá sido esta a origem das carências registadas nos últimos anos?

De ciência certa nada sabemos mesmo porque acerca da vida e hábitos do atum nenhum estudo se tem feito em Portugal, pelo menos que nós saibamos. A um dos estudiosos sobre o assunto ofereceram, segundo nos dizem, uma armação para pôr em prática as suas teorias, mas o teórico declinou a oferta.

Vêm estas palavras a propósito de uma revista francesa de há trinta anos que descobrimos entre os nossos papéis e que insere um artigo sobre o atum, da autoria de Francis Marre, químico-perito junto da Cour d'Appel de Paris, artigo que traduzimos e oferecemos à curiosidade dos leitores por acharmos interessantes os elementos que nele se divulgam. É possível que tudo o que nele se diz esteja ultrapassado, mas de qualquer modo pode fornecer alguns esclarecimentos que sejam úteis àqueles que se preocupam com o peixe mais valioso que frequenta a nossa costa.

Este o artigo:

Todos conhecem o atum — peixe que se come em azeite, como dizia um humorista — ou melhor, todos julgam conhecer este volumoso peixe. Na verdade, a sua história natural permanece um tanto misteriosa, a despeito dos estudos empreendidos por tantos biólogos.

O atum vulgar, classificado «Thunnus Thynnus» (L.), encontra-se um pouco em toda a parte: nas águas tropicais, subtropicais e temperadas, nomeadamente no Japão, Califórnia, Florida, Antilhas, Atlântico, Sul da Madeira e costa ocidental de Marrocos. Na Europa o seu habitat estende-se desde o Báltico ao Mar Negro, mas é principalmente nas regiões meridionais que se encontra: costas de Espanha

e de Portugal e, no Mediterrâneo, de Gibraltar para além do Bósforo. Esta área de considerável dispersão é constituída pela fusão de diversas regiões frequentadas por agrupamentos atuneros independentes. E assim que existem um atum mediterrânico, alguns tipos de atuns atlânticos, um atum japonês, etc. O estudo comparado das características locais permite delimitar, cada vez com maior precisão, estes agrupamentos, o que, do ponto de vista de pesca tem uma importância prática sobre a qual é inútil insistir. O atum é extremamente voraz e a rapidez de sua digestão torna-lhe muito frequente e imperiosa a necessidade de comer. É também, fértil em deslocações e migrador muito irregular. Já desde épocas muito recuadas que o problema das migrações do atum preocupa os interessados. Esse peixe fabuloso surgia em cardumes de proporções surpreendentes. Durante meses deixava-se apanhar quase junto à terra, fazendo a fortuna de uma população. Depois, subitamente, sumia-se. Era um fenómeno misterioso e apaixonante, e infinitamente útil se tornava descobrir o local de retirada do peixe para recomençar com as pescarias frutíferas.

O problema das migrações

Tanto para o atum como para todos os peixes comestíveis em geral, a ciência moderna empreendeu o estudo metódico das migrações.

Banindo resolutamente a noção do instinto, que se afigurava destituída de sentido preciso, estabeleceu-se o princípio de que o peixe tendo necessidades e sendo sensível a influências, deixava-se regular nessas deslocações por circunstâncias externas de um meio que a todos os momentos reagia sobre o seu organismo. Resta aos entendidos descobrir essas necessidades, pôr em foco as influências, determinar em que sentido e em que

Armazém

Aluga-se de 14 m x 20 m com escritório, próprio para qualquer comércio ou indústria, na Rua Poeta Aleixo, em Loulé.

Trata José Emídio da Costa — telef. 62607 — LOULÉ.

INSTRUTOR

Precisa a Escola de Condução Infante de Sagres, para a sua Filial de Vila Real de Santo António.

Resposta com ordenado e condições pretendidos para o

Largo D. João II, N.º 31

Portimão

MINIALFA — 1 E 2

A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL

«SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas

Electrobombas para água sob pressão

Electrobombas para vinho e líquidos especiais

MOTORES ELÉTRICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Roboingens — Balastros

ELECTRO ALFA, LDA. — Cutama — Aroosa — PORTO



Aperfeiçoamento e valorização profissional

TEM vindo a conhecer grande êxito os cursos criados pelo Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra e vários Sindicatos abrangendo os mais variados sectores. Fazemos este apontamento porque sabemos os alunos suscitados na Fusetta pelo curso de motoristas marítimos que o respectivo Sindicato tem a funcionar na vizinha vila de Oitão. Alguns pescadores fusetenses, (jovens na sua totalidade) se inscreveram e muitos outros o teriam feito se houvesse maior conhecimento da existência destes cursos. Os objectivos em vista são, além da valorização profissional, a preparação para os exames de ajudante de motorista, pois que uma vez aprovados e de posse do documento legal, podem procurar melhoria de condições.

Tem a indústria das pescas conhecido nos últimos anos o impacto da mecanização e para ela temos de caminhar cada vez mais. Quão diferentes são os processos das «caçadeiras» de hoje, das de algumas décadas atrás! Na própria safra bacalhoeira se envia cada vez mais pela motorização e os doris, com maior rentabilidade da pesca e segurança de vidas. Assim sendo, sugere-se que aproveitando o período do defeso (de Janeiro a finais de Março) se criem anualmente na Fusetta cursos idênticos aos que funcionam em Oitão. Numa promoção conjunta do Sindicato dos Motoristas Marítimos e da Casa dos Pescadores, com o patrocínio do Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra seria um grande, um valiosíssimo serviço que se prestava às classes piscatórias locais.

A sugestão aqui feita e para ela mais que a concordância das entidades referidas se pede a melhor vontade no estudo das possibilidades de efectivação.

JOAO LEAL

Empregada

de escritório para firma em Faro

com conhecimento de contas correntes, imposto de transacções para trabalhar com máquina Olivetti. Indicar idade, referências e ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 12.598.

Cartório Notarial de Tavira

Certifico narrativamente e para efeitos de publicação, que por escritura lavrada em 30 de Janeiro do corrente ano, de folhas 50 v. a 53, do Livro N.º A-44, de «Escrituras Diversas», deste cartório, foi declarado por Ernesto Duarte e mulher Maria Derruba Pires, casados no regime de comunhão geral de bens, naturais da freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, onde residem na respectiva vila, na Rua Jacinto José de Andrade — Vivenda José Manuel, que, com exclusão de qualquer outra pessoa, são donos e legítimos possuidores do seguinte prédio urbano, averbado na respectiva matriz em nome do outorgante varão:

Prédio urbano térreo, com vários compartimentos e quintal, na Rua Fernão de Magalhães, em Monte Gordo, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, a confrontar do norte com a dita Rua, sul Manuel Lopes, nascente dr. José Isidro Farrajota Rocheta e poente dr. José Pulido. Omissio no Registo Predial e inscrito na matriz sob o artigo 2.582, com o rendimento colectável de 65\$00 e o valor matricial de 1.300\$00.

Que compraram este prédio a Ronald Victor Jofreu Cutlibert por escritura lavrada neste cartório em 18 de Junho do ano findo, de folhas 70 v. a 72 do Livro A-36, de Escrituras Diversas.

Que este Ronald Victor Jofreu Cutlibert tinha comprado o mesmo prédio a Hermenegilda da Encarnação, viúva, residente em Monte Gordo e seus filhos e respectivos cônjuges, por escritura lavrada no Cartório Notarial de Vila Real de Santo António em 13 de Outubro de 1966, de folhas 40 v. a 43, do Livro número 33, de Escrituras Diversas.

Que a estes vendedores pertencia o prédio nas qualidades de viúva meeira e únicos filhos e universais herdeiros de Manuel da Rosa ou Manuel da Rosa Alexandre, encontrando-

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre a sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DEPOSITOS — FARO telef. 23669 — TAVIRA — telef. 264 — LAGOS telef. 287

PORTIMÃO — telef. 148 — ALMANCIL — telef. 34 — MESSINES — telef. 8 e 89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

ESTABELECIMENTOS TEOFILO FONTANA — HAS NETO — ESTABELECIMENTO INDUSTRIAL S.A.

TELHADAS E TRUAS, VIOS, BARRIS E C. — CASA FORD 1

S. B. DE MESSINES — ALGARVE — PORTUGAL

Cantinho de S. Brás...

O TRÂNSITO

Se se fizer uma ronda pelas artérias de S. Brás de Alportel, observamos alguns trabalhos principiaes, entre os quais, a rede de sinalização, que nos parece ser a mais completa no género: uma profusão de chapinhas indicativas do sentido de direcção do trânsito, estacionamento de viaturas, e, todo o emaranhado concernente a essas regras,

tentando disciplinar e definir responsabilidades. Trata-se de uma autêntica chuva de dísticos, que por não estarmos habituados, faz andar muito boa gente a ná ná, em especial aqueles que gostam de respeitar o que superiormente se determina. Todas as ruas já têm o competente letreiro ou preparam-se para recebê-lo.

No Largo de S. Sebastião, cuja área disponível não comporta uma centena de veículos estacionados, observa-se um festival de ferros pintados de preto, tendo o dístico no alto com a competente sinalização do Código. Melhor: tinha, porque aqui, ou na Avenida Dr. António de Oliveira Salazar, toda essa chaparia já foi desmontada, certamente porque havia qualquer coisa que não batia certo.

Um plano do sentido de marcha e estacionamento nas ruas de qualquer povoação deve ser maduramente estudado, sem improvisos ou caprichos individuais de ocasião, procurando-se servir o público, o comércio, a indústria, de todos os furtos, em especial aqueles que gostam de respeitar o que superiormente se determina. Todas as ruas já têm o competente letreiro ou preparam-se para recebê-lo.

Na verdade, o interessado que deseja efectuar o pagamento de uma letra, fazer depósitos bancários, comprar meio quilo de açúcar ou meio metro de lã, tem de deixar a motorizada, às vezes a centenas de metros. Toca de andar a pé, como castigo, perdendo tempo e paciência, amaldiçoando legisladores e explodindo em pragas que fazem tremer o chão...

Quando foi elaborado o plano profusamente aplicado, teria havido um prévio estudo quanto ao seu funcionamento na prática? Seria ouvido o parecer automobilístico, não há dúvida, e inclusive da própria P. V. T. local? Qualquer destas entidades têm voto em matéria tão delicada, pois fundamentalmente as regras de trânsito nas ruas da vila, têm de servir o público, sem beliscar nas justas liberdades. Tem de haver harmonia, salvaguardando interesses sagrados, que estão acima de decisões teóricas compiladas em gabinetes.

Por isso, certamente, a prática em poucos dias demonstrou que a sinalização do Largo estava errada, restando agora rectificar o que se fez, para sabermos cumprir os nossos deveres e direitos. De pedes, cistetas e automóbilistas. Dar a mão à palmatória quando se erra, é normal e humano porque errar é próprio dos mortais. Arrepiar caminho quando se dá um passo em falso, é virtude em vez de defeito.

Em suma, fazemos votos para que o assunto seja resolvido no âmbito do interesse geral, ou pelo menos da maioria, já que é difícil agradar à totalidade, pois temos por princípio punar a brasa a centenas de metros. Que é mais fresca que a do vizinho... Está em jogo sagrados interesses do público, e cada terra com seu uso. S. Brás de Alportel, pode, talvez, dispensar figurinos alheios para andar livremente pelas suas ruas, não prejudicando terceiros. O problema tem de ser resolvido dentro das nossas características, conjugando todos os factores em benefício colectivo.

É preciso que se contribua decisivamente para auxiliar a vida local, salvando do naufrágio que teima em ameaçar a nau que navega há tanto tempo em mar acotado por tempestades. A nossa máquina burocrática, esgarçada pela peça por peça, está esperando um café predestinado que reina os seus cacos e a lubrifico, pondo-a no caminho do progresso e da civilização, singrando novos rumos que se ajustem à óptima posição geográfica no xadrez algarvio.

Cartório Notarial de Tavira, 3 de Fevereiro de 1970.

A Ajudante,

Maria Elete Teófilo Lopes

Dias Nobre

Prédios novos

Prédios novos ou Andares em Propriedade Horizontal, vendem-se e alugam-se.

Tratar com José Pereira Júnior e J. S. Carrusca. Estrada da Penha, Telefones 23549 e 22683 — FARO.

F. CLARA NEVES



ele é um entendido...

Sabe o que é a pesca. Conhece o valor de uma rede.
Por isso já usa as novas redes TREVIRA que garantem:

Longa duração
Resistência aos efeitos do sol
Ótima extensibilidade
Mínima absorção de água
Rompimento quase nulo
Alta flexibilidade mesmo a baixas temperaturas

**FÁBRICA DE REDES DE PESCA "MARINA" S.A.R.L.
ESTRADA DA CIRCUNVALAÇÃO 13941/75 PORTO**



Filial Bosch agora também no Algarve

**Equipamento para oficinas,
equipamento elétrico e diesel,
para veículos.**

Acompanhando a sua expansão
o mercado português
a Bosch inaugurou
agora no Algarve uma filial que
fornecerá equipamento para
oficinas e equipamento eléctrico

e diesel, para veículos: centros
de diagnóstico, velas, faróis,
baterias, buzinas, etc.
Bosch passa assim a estar
ainda mais presente em toda a
provincia Algarvia.

Robert Bosch (Portugal), Lda.
Rua Infante D. Henrique, 87 a 91
Telefones: 23067/8/9 — FARO

Mais um elo da grande rede mundial de vendas

BOSCH



Floripes e os brandeirinhos

(Conclusão da 1.ª página)

bém venda, em virtude de na mesma se venderem bebidas) da sua cunhada, que vivia para os lados denominados da «Barreta», perto de uma rua que tinha por nome o «Arco do António Bento». Estávamos no mês de Agosto e anoitecia. Já a lua se reflectia, com toda a intensidade, não desmentindo a sua deslumbrante luz desse mês, resplandecendo como se fosse dia e como só no Algarve ela se nos apresenta em noites de lua cheia. E assim era.

O Zêquinha pegou no saco, e ele aí vai, a caminho de casa da tia. Ao pegar-lhe teve a convicção de que o levaria até lá sem a menor dificuldade. Mas, decorrido algum tempo, eis que se sentou na soleira duma porta, descansando. E pensava: — «Se ao menos me aparecesse a «Floripes», peia-lhe que levasse o saco a casa da minha tia». Porque era muito fraquinho, já não podia mais e estava cansado.

Após ter descansado algum tempo, de novo tomou alento e aí vai ele, a caminho. Passadas duas ruas, outra vez descansa, sentando-se na soleira de outra porta. Com o sacco nos joelhos, perto da rua que dava entrada para o Arco do António Bento, novamente se pôs a «cismar»: «Porque é que a «Floripes» ajudou o tio Miguel e agora que a mim me fazia tanta falta para me ajudar a levar o sacco à casa da tia, não me aparece?» Recordava-se que o tio Miguel lhe havia contado como a linda Floripes o ajudara, levando-lhe a canastra do peixe, quando lhe apareceu e ao chegar a casa, lá se encontrava a canastra com todo o seu peixe.

Ainda estava sentado, o Zêquinha, meditando nestes devaneios, quando reparou que perto dele se encontrava uma esbelta mulher, vestida de branco, com uns lindos cabelos pretos muito compridos que lhe chegavam às ancas! Sem dizer uma única palavra, ela pegou no sacco e deu a andar na direcção da casa da tia do Zêquinha.

O garoto, apesar dos seus pensamentos, não resistiu à surpresa e deitou a correr para casa, ao encontro da mãe, contando-lhe o sucedido, ainda com a respiração ofegante pela corrida e assombro. A mãe, resoluta, toma o caminho de casa da cunhada para se certificar da ocorrência e, efectivamente, ao chegar, logo depara com o sacco dos «brandeirinhos» no lugar costumado, num tabuleiro de madeira, onde ficavam expostos à venda. E apressou-se a perguntar à cunha, da quem trouzera o sacco com os

«brandeirinhos»... mas esta, nada lhe soube dizer, porque, na sua vida da casa, tinha de andar da cozinha para a sala de jantar, onde ia pôr na mesa, ao marido, a refeição já preparada. E ao entrar na outra casa, vira o sacco dentro do tabuleiro (e aí indicava com gestos: «aí, onde tu os estás vendo!...»).

Recentemente, vim a saber que o Zêquinha, à data em que vos conto esta história, tem a bonita idade de cinquenta e sete anos.

Uma turista francesa, tendo vindo passar as suas férias ao Algarve e permanecendo alguns dias em Olhão, numa das noites em que passeava pela Avenida resolveu, após algum tempo, regressar à pensão onde se hospedara. Contudo, aconteceu perder-se nas travessas denominadas «Barreta» e foi parar ao pé do Arco do António Bento. Aí, avistou uma mulher muito formosa, vestida de branco, com uns cabelos pretos caídos, muito compridos, que lhe chegavam até às ancas. Aproximou-se dela e pediu-lhe que lhe indicasse o caminho para a pensão. A bela senhora não lhe respondeu, mas seguiu à frente da francesa até ao princípio da rua onde a pensão ficava. A estrangeira ao voltar o canto da rua, querendo agradecer, já não viu a linda criatura e muito admirada pelo sucedido, contou à dona da pensão.

Passados dias a senhora francesa foi à cidade de Faro e descendo da camioneta no sitio chamado Pontinha, dirigiu-se a um museu existente perto do local onde desembarcara. Já no museu, qual não foi o seu espanto, ao deparar, num quadro pintado com a «Lenda de Floripes», a mulher que lhe indicara o caminho para a pensão, quando se perdera nas travessas olhanenses. Corresponhia a desconhecida em absoluto ao modelo exposto nesse mesmo quadro, à sua vista.

Isto aconteceu no ano anterior à data em que vos narro esta história. Quando da inauguração da electricidade em Olhão, todos julgavam que a Floripes nunca mais daria sinal de si. Mas tal não aconteceu. Nas imediações do Arco do António Bento, ainda hoje se diz que, quando alguém está seriamente aflito, tem todas as possibilidades de ser auxiliado pela «lendária» e linda mulher, chamada Floripes, uma vez que ao Arco se dirija. Esta convicção mantém-se nos nossos dias. E mesmo frequentemente ouvir-se dizer a alguém quando se encontra deveras apouqueto

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

culturais e técnicas e abriu um fosso entre a capital e o resto do País.

Não acontece em toda a parte, mas em Portugal é assim. O Porto, Coimbra, Faro? São demasiado provincianos para o homem civilizado que habita Lisboa. A divisão é notória e disparatada, ao mesmo tempo, tendo em vista a pequena distância quilométrica que separa a capital das provincias mais ao sul ou mais ao norte.

O homem que vive em qualquer terra provinciana, grande ou pequena, não tem opções. Após um dia de trabalho, só a cultura da televisão, a conversa de café ou o cinema, quando há. Nem exposições, nem concertos, nem teatro, nem conferências, uma vida cultural reduzida ao mínimo. As sociedades de recreio, vão desaparecendo pouco a pouco ou vegetam também à volta do aparelho da TV. Os jovens sentem-se desprotegidos e reduzidos a um joguinho de matraquilha ou a arranjar miúda rapidamente para passarem os serões.

Limitada a estes horizontes, quem não há-de detestar a provincia, se tem vivido na capital ou quem não temerá esta última, se habitualmente mora naquela?

Os dias passam iguais a si próprios, calmos e lentos, sem esperança de melhoria cultural e económica e os filhos, mais tarde, acabam por nascer, crescer e morrer no mesmo ambiente. Eis a provincia! Saudemos, pois, os heróis que mantêm impávidos e serenos um viver idêntico, sabendo de antemão que o amanhã será igual ao ontem dos seus pais, aqueles que não arredam pé, que vêem os comboios passar, que se sentem ligados de raiz à sua terra e a adoram, preferindo não abandonar nessa ansia de libertação que parece ser apandio de todos os homens. Os que ficam e sacrificam esses ideais são, decerto, os heróis esquecidos do nosso tempo de progresso.

MATEUS BOAVENTURA

(de dia, é claro), e em tom de benévola ameaça: — Vê lá, vê lá, se te aparece pra aí a Floripes!»,

SAID

TINTAS «EXCELSIOR»

CORREIO de LAGOS

Impõe-se o começo da carreira Lagos-Salema por Burgau e Luz

Constando-nos que há alguns meses foi autorizada a carreira Lagos-Salema, com passagem pelas povoações de Luz e Burgau, e estando sobejamente comprovada a sua utilidade, custa-nos crer que talvez por questões burocráticas, especialmente os habitantes de Salema se vejam em apuros sempre que tenham de deslocar-se a Lagos. Na época invernal, há muitos dias em que o trajecto da Salema à E. N. se torna difícil para utilização da carreira Lagos-Sagres, arriscando-se ainda os que a pretendam utilizar, a não seguirem por falta de lugares.

A avaliar pelo que nos dizem, tudo depende da aprovação de horários e preços, mas porque tudo isso, mesmo que careça de despacho ministerial, se afigura de resolver no espaço de um mês, confiamos que sejam servidos dentro em breve quantos careçam da carreira em causa.

Porque não colaboramos os Bombeiros com o Hospital?

Porque temos conhecimento de casos de vítimas de desastres, recolhidas pelos Bombeiros Voluntários de Lagos, que são conduzidas a clínicas particulares, perguntamo-nos porque não recorrem aqueles ao Hospital.

Não ignoramos as deficiências no Hospital desde que ali deixaram de actuar os médicos do C. I. C. A. 5 mas já nos temos referido ao enfermeiro que ali actua com vontade de servir. É pouco bem sabemos, mas é talvez o suficiente para os bombeiros levarem ali as vítimas de desastres ou outros que careçam de assistência urgente, visto que havendo enfermeiro, este, quando não dá conta do recado, como o povo diz, apressar-se-á a chamar médico que assista conforme a gravidade do doente.

Em Lagos sempre se pecou por ausência de compreensão, mas especialmente em casos de assistência, não devemos consentir que deixe de haver colaboração leal e desinteressada.

Não será um erro fazer cessar o defeso?

Diz-se que o defeso da pesca da sardinha vai cessar. Custa-nos acreditar nisso, porque bem vistas as coisas, poucos ou nenhuns lucrarão pescando sardinhas de Janeiro a Março, não só pelo seu estado de magreza como pelos danos causados na procriação. Os mestres e armadores vêm decerto na adopção de tal medida, defesa relativamente aos camaradas, que uma vez sem defeso, não poderão reclamar pelo pouco rendimento nos meses de Inverno. Mas já viram esses mestres e armadores que descontentando a tripulação terão pouca ou nenhuma salvação? Os braços escasseiam, e como só os poucos que nasceram para o mar, se sujeitam a servir mestres e armadores, não será prudente que estes estudem soluções adequadas às necessidades daqueles?

A ausência de amor aos cargos não remunerados, grande mal da época que passa

Porque entendemos que não é possível progresso social, sem que se verifique esforço dos que mais podem em favor dos que menos podem, somos forçados a concluir que os cargos não remunerados por parte dos mais poderosos são uma necessidade imperiosa para relativo bem estar dos humildes.

Tal esforço infelizmente, não se verificará, e assim, a confiança dos humildes nos poderosos, abala-se de dia para dia, não se nos afigurando longe o dia em que atinja o ponto culminante, ou seja a desconfiança total. Necessitamos pois criar algo que alimente os humildes, porque eles são, bem vistas as coisas, indispensáveis para irmos mais além. Os que tem o suficiente para a sua manutenção, servindo sem remuneração os humildes, prestigiam-se e prestigiam Lagos, o Algarve, Portugal daquém e dalém mar, tornando-se pois grandes aos olhos do mundo. Assistindo-lhes na doença e invalidez, proporcionando-lhes o necessário para vencerem com honra nos diversos cam-

Publicações

«O TEMPO E O MODO» — O n.º 75 desta revista, correspondente a Janeiro, insere colaboração de Luís Filipe Sabino, João Martins Pereira, Armando de Abreu, Vitor Matias Ferreira, Fernando Baptista, Luís Matoso, Henrique Jorge Sabino, Jorge Almeida Fernandes, Afonso de Albuquerque, Amadeu Lopes Sabino e António Ramos Rosa, e a habitual crítica de Artes e Letras.

«AUTORES» — Saiu o n.º 48, de Novembro-Dezembro do ano findo, deste boletim da Sociedade de Escritores e Compositores Tatrais Portugueses, dirigido pelo dr. Luís de Oliveira Guimarães. Apresenta-se com esmero gráfico e insere, além das secções normais, colaboração de David Mourão-Ferreira, Manuel Fragoso, Romeu Correia, Augusto de Castro e António Lopes Ribeiro.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS
PESSOAL ESPECIALIZADO
MÁQUINAS ELECTRÓNICAS
EXECUÇÃO RÁPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel 2405
PORTIMAO

pos da vida social, ganhemos confiança. Trabalhemos pois nesse sentido, pois cada um que possa, dando um pouco aos que não podem, os males dos nossos dias diminuirão. Os aposentados que como o signatário recebem do Estado uma pensão, podem e devem servir as causas que interessam à colectividade sem qualquer remuneração material, outro tanto acontecendo com os que possuem bens materiais que bastem à sua manutenção. Porque então todos cruzam os braços quando são chamados a servir desinteressadamente as causas que interessam ao bem comum?

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

Compre propriedades
com RENDIMENTO GARANTIDO
6 A 10 %

durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

No período da garantia o comprador receberá onde e como desejar o seu rendimento, sem mais qualquer preocupação

J. PIMENTA, S. A. R. L.

oferece-lhe o mais alto rendimento para as suas economias
150 Contos rendem-lhe 950\$00 Mensais

Nos últimos 5 anos a valorização média é de 15 % por ano

PROPRIEDADES À VENDA EM: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS, LISBOA

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95201/22
REBOLEIRA - Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670

Senhores Proprietários

A CONFIDENTE, a Maior Organização do País, em compras, vendas, hipotecas de propriedades e colocação de capitais, tem uma Secção Especializada na realização de empréstimos com garantia hipotecária ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo.

Empréstimos até 60% do valor das propriedades.

A CONFIDENTE

LISBOA — Rossio, 3-2.º andar — Telef. 369384/5/6

PORTO — R. Passos Manuel, 14-1.º andar

A jóia turística de St. Ives ou uma sugestão para o Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

se tem verificado em zonas fora dos limites da velha cidade. Assim, quando nos encontramos na parte alta, é fácil observar que as novas edificações continuam a surgir, mas sempre além dos limites da zona antiga.

Outro pormenor que muito nos atrai, não é apenas a parte antiga da cidade com a sua arquitectura original, mas a impressão que nos fica de que as suas casinhas, todas elas conservadas com carinho e cuidados extremos, têm sido alteradas e retocadas, sempre a condizer com o seu estilo original. E o resultado deste amor pelo antigo, quando visitamos St. Ives, é de que estamos em presença de uma jóia turística. Por isso, o número de visitantes que dia e noite deambulam pelas suas ruas tão atraentes e acolhedoras, é deveras impressionante. St. Ives é ainda o lugar favorito de um grande número de escritores e artistas britânicos, que lá têm fixado residência.

Como se verifica em muitos centros europeus de turismo, o rápido crescimento do turismo actual leva muitas vezes a um desenvolvimento apressado, que forçosamente resulta em certo abastardamento das belezas naturais. Mas ainda que os cuidados de manter e respeitar, sempre que possível, as belezas de uma região, se mostrem necessários, o bom ritmo de desenvolvimento de uma determinada zona turística nunca poderá ser afectado por virtude de querer conser-

var a beleza paisagística, pois isso, a verificar-se, ocasionaria resultados contraproducentes.

Tudo indica que o Algarve, por virtude das suas privilegiadas condições naturais e situação geográfica, venha a tornar-se um dos mais importantes centros do turismo europeu, o que irá deitar por terra ou abastardar algumas das suas belezas. Mas quer que a província algarvia se desenvolva turisticamente e pretender, ao mesmo tempo, que todos os seus encantos naturais se conservem intactos, não passa de um sonho. No entanto, ainda podemos fazer algo nesse sentido.

Tal como St. Ives, poderíamos escolher ou votar determinada vila ou povoação algarvia como atracção turística, o que implicaria que nenhuma moderna construção lhe deveria ser permitida no futuro, nos limites da zona antiga. E daí a uns 10 ou 15 anos, quando a costa algarvia for referida como um dos grandes centros europeus de turismo, o que iria atrair o visitante não seriam os seus hotéis de luxo ou modernos casinos, mas sim essa povoação (se possível piscatória) que conseguiu conservar a sua fisionomia e encantos originais. E as gerações vindouras, que irão julgar as nossas acções e decisões do presente, não poderiam então dizer que a onda de desenvolvimento, que começou a soprar no início da década de 60, foi totalmente materialista.

Aqui deixamos o alvitre.

M. SANTOS TRAQUINO

Vende-se

Uma moradia na Avenida Beira-Mar, em Armação de Pêra.

Tratar com José E. Pereira, telefone 55 — Armação de Pêra.

Para venda imediata

Vivenda moderna, 2 fogos, r/c e 1.º andar, ótimo local, em Faro. Motivo retirada dos proprietários.

Trata: Julião Pestana, solicitador.

Terreno ou Casa velha

Desabitada, com área aproximada a 100 m², compra-se em Vila Real de Santo António. Resposta ao n.º 11355.

Em Olhão, Vende-se

PROPRIEDADE com cerca de 17 000 m² devidamente murada e situada a cerca de 500/600 metros da Vila de Olhão na Estrada Nacional Olhão/Faro.

Compõe-se de casas de moradia, terreno de regadio, nora, tanque, etc. Aceitam-se propostas para o todo ou talhões de 5 000 m², para construções.

Mostra e trata JOÃO CARLOS DA CRUZ
Telefone 72314 — Olhão

Prémio Alves Redol 1970

O prémio bienal Alves Redol, cuja instituição foi recentemente tornada pública, destina-se a galardoar romances inéditos de autores de nacionalidade ou origem portuguesa, escritos em língua portuguesa. Além de constituir uma justa homenagem à memória de um dos grandes escritores do nosso tempo, reflecte ainda a intenção de valorizar a produção literária nacional e tende a incentivar o aparecimento de obras de ficção, distinguidas por um júri imparcial e categorizado. Surge num momento particularmente importante da literatura portuguesa quando já se começam a sentir os efeitos da desorientação estética e quando algumas atitudes programáticas do passado recente acusam o esforço da fadiga ou mostram indícios de esgotamento.

O aparecimento do nome de Alves Redol como patrono do prémio não significa que seja este destinado a distinguir obras de filiação neo-realista. Da leitura atenta das condições de inscrição que a seguir se divulgam, verificar-se-á que se trata de um prémio aberto a todos os escritores desde que nas obras concorrentes nunca se obvia a influência dos valores humanos que foram exactamente os valores humanos patentes na obra de Redol e perdulizados ao longo da sua vida generosa que mais inspiraram a criação deste prémio.

Condições de inscrição

1— Poderão concorrer a este prémio todos os romances inéditos de autores de nacionalidade ou origem portuguesa, cuja extensão não seja inferior a 200 páginas dactilografadas a dois espaços, com trinta linhas;

2— O prémio é constituído por uma reprodução do busto de Alves Redol, do escultor José Dias Coelho, e no qual figurará, em placa própria, o título da obra premiada, o nome do autor e a data da concessão do prémio;

3— Publicações Europa-América editará o romance premiado nos doze meses seguintes à atribuição do prémio; a publicação será regida por contrato que cobrirá uma primeira edição de 5 000 exemplares e que garantirá a Publicações Europa-América o direito de publicar edições sucessivas no ritmo que julgar conveniente.

Os direitos de autor da primeira edição serão fixados em 12 por cento de preço de venda do livro e os das edições seguintes em 15 por cento.

O autor receberá, no acto de assinatura do contrato, a quantia de Esc. 35 000\$00 (trinta e cinco mil escudos), como antecipação sobre os direitos autorais da 1.ª edição. Receberá as restantes percentagens por forma estabelecida no contrato;

4— O tema da obra é da livre iniciativa do autor, mas o júri considerará em especial aquelas obras que pelo conteúdo, técnica e estilo se refiram às exigências do nosso tempo e em particular à problemática nacional nos seus mais variados aspectos, tendo sempre em atenção a dignificação dos valores humanos;

5— O júri é permanente e constituído por: David Mourão-Ferreira, escritor e crítico literário; Eduardo Lourenço, crítico literário e professor da Fa-

culdade de Letras de Nice; Eduardo Prado Coelho, crítico literário e professor da Faculdade de Letras de Aix-en-Provence; Francisco Lyon de Castro, editor, em representação de Publicações Europa-América e na qualidade de presidente das sessões; Jacinto do Prado Coelho, crítico literário e professor catedrático da Universidade de Lisboa; José Palla e Carmo, crítico literário; Óscar Lopes, crítico literário e professor do ensino liceal.

6— As decisões do júri serão registadas em acta lavrada no encerramento das sessões e que será lida, aprovada e assinada por todos os presentes;

7— O júri reunirá e decidirá conforme o que se encontra estipulado em regulamento próprio, aceite e subscrito por todos os seus membros;

8— Se por decisão do júri nenhuma das obras apresentadas reunir méritos suficientes o prémio não será concedido neste ano e em nenhum caso poderá ser distribuído por diversas obras concorrentes. Não obstante, Publicações Europa-América reserva-se o direito de opção para a edição de qualquer das obras concorrentes;

9— Os originais devem ser enviados, em oito cópias dactilografadas, apenas por correio devidamente registado para: Prémio ALVES REDOL 1970 — Publicações Europa-América — Apartado 8 — Mem Martins;

10— Na primeira página de todas as cópias a ser enviadas deve constar o nome legível o pseudónimo do autor (e nunca o seu nome) e o título da obra. O nome do autor não pode figurar em qualquer parte da obra o que, a dar-se, invalidará o seu concurso;

11— Em carta fechada e lacrada em dois sobrescritos deverá constar o nome legível o pseudónimo, indicar-se-á o nome verdadeiro do autor, o título da obra, o endereço do autor e número de telefone se houver. Esta carta deverá ser enviada a Publicações Europa-América conjuntamente com os exemplares da obra concorrente e no mesmo registo;

12— O prazo de entrega dos originais para o prémio Alves Redol 1970 expira no dia 30 de Junho de 1970;

13— Expirando o prazo de entrega é publicada, na imprensa de Lisboa e Porto, a lista das obras concorrentes, com títulos e pseudónimos. Nos quinze dias imediatos, qualquer candidato cuja obra embora enviada a P. E. A. não conste dessa lista por motivo de extraviamento de correio, poderá apresentar a obra a concurso desde que envie fotocópia do talão de registo original.

14— O prémio será concedido no dia 15 de Outubro de 1970 e divulgado pelos meios de informação;

15— Até 30 dias depois de anunciada a sua concessão o editor promoverá a entrega do prémio ou em caso de impedimento do premiado a quem este designar na mesma oportunidade será assinado o contrato de edição e entregue o adiantamento indicado na alínea 3;

16— Uma vez atribuído o prémio, os autores não premiados, e sobre os quais o editor não enuncie o direito de opção, poderão retirar os seus originais mediante a apresentação do talão de registo;

17— Publicações Europa-América compromete-se a mandar traduzir a obra premiada de modo a poder levá-la ao conhecimento do maior número de leitores estrangeiros para uma eventual publicação;

18— Ao concorrer ao prémio o candidato reconhece e afirma que nenhuma opção de outro editor pende sobre a obra concorrente e declara-se seu integral autor e proprietário.

IMPRESA

«JORNAL DE TURISMO» — Entrou no 12.º ano de vida este nosso colega dirigido pelo sr. Gentil Marques, a quem cumprimentamos pela efeméride.

Empregada de balcão

Precisa-se na «CASA SIMON» com a idade de 20 a 24 anos, com sentido de responsabilidade, boa apresentação, relacionada e com facilidade de argumentar, preferindo-se quem tenha alguns conhecimentos de inglês.

CASA SIMON — Vila Real de Santo António.

...aumente as suas produções com

FERTOR

um fertilizante orgânico
mais barato que o estrume
melhor que o estrume

indispensável em todos os solos
e culturas exigentes de matéria orgânica
e em especial nas terras esgotadas
e muito lavadas pelas chuvas

DISTRIBUIDORES:

FERTOR Ermezinde, telef. 98 91451, PORTO

SAPEC R. Vitor Cordon, 19, LISBOA R. Sá da Bandeira, 746-1.º D. PORTO



um quilo equivale a 10 Kgs. de estrume

FERTOR E FARTURA
AGENTES EM TODO O PAÍS

Leandro Alvo Henrique

Vem participar aos seus clientes e amigos que por motivo de saúde não pode continuar a dirigir a sua Oficina de Fundição de Ferro e Serralharia, pelo que vendeu à Firma Perrolas, Lda. o seu Alvará, ficando esta firma trabalhando naquela oficina até poder construir as suas novas instalações.

Perrolas, Lda.

Vem participar aos seus estimados clientes e amigos que comprou o Alvará de Fundição de Ferro e Serralharia ao Ex.º Sr. Leandro Alvo Henrique.

Agradecendo a continuação das ordens dos antigos clientes desta casa.

Telef. 571

PORTMÃO

O Ginásio de Tavira possui os melhores ciclistas portugueses

(Conclusão da 1.ª página)

sistiu ao «rapt» de alguns dos seus corredores. Assim António Graça, Manuel Mestre, António Teixeira, José Diogo e outros, tão assediados por outros clubes, tornarão a vestir a popularizada camisola gimnasta, voltando costas às tentadoras promessas dos clubes grandes.

Também Jorge Corvo, um técnico disputado, não quis abandonar a orientação do clube que sempre serviu com dedicação e amor. Acompanhámo-lo numa das últimas sessões de treino e dele recolhemos as sensacionais declarações que reproduzimos:

«O Ginásio de Tavira conta actualmente com um lote de ciclistas que se integram no primeiro plano nacional. Até agora, a Imprensa chamou-lhes os «bebés de Jorge Corvo», mas futuramente ter-lhes-á de chamar os «campeões tavi-venseiros». E que os meus ciclistas evoluíram, criaram experiência e possuem, além de qualidades tão boas como as dos melhores ciclistas portugueses, um espírito de camaradagem e dedicação ao clube e aos seus dirigentes, que em nenhuma outra equipa se verifica.

«A atestar estas afirmações, veja-se o comportamento dos meus rapazes na última época. Corremos sempre para a vitória, procurando a luta e a valorização da corrida. Não somos como o Benfica, Sporting ou Porto, que adoptam sistemas defensivos, muitas vezes não por conveniência das equipas, mas sim por falta de recursos físicos. Diga-me, o que teria sido a Volta de 1969 se não fosse a acção do Ginásio de Tavira e da Ambar?»

«Repare para o «plantel» de corredores de que o Ginásio dispõe: António Graça, que forma, sem favor, com Agostinho o melhor duo do ciclismo português; Manuel Mestre e António Teixeira, valores de 1.ª escolha apesar da sua juventude; José Diogo, que em 1972 terá categoria suficiente para ganhar a Volta a Portugal; José Maria Nunes, Marcolino Santos e Francisco Martins, segundos planos que poderei lançar, sempre que seja oportuno, para algumas vitórias. Também já treinam João da Palma e José Madeira, recentemente vindos do Ultramar, qualquer deles ainda na memória dos adeptos do ciclismo.

«Além disso, não podemos contar com Casimiro Cabrita e Pedro Bárbara e muitos outros ciclistas que se nos ofereceram, por o quadro do Ginásio não comportar tantos atletas. Estamos aguardando a breve chegada do Ultramar de Henrique Neto, que foi, em 1967, o ciclista-revelação e o mais desejado pelos clubes portugueses.

«Com estes ciclistas, iremos trazer neste 1970, para Tavira e para o Algarve, um «palmarés» impressionante de vitórias.»

Jorge Corvo interrompia de vez

em quando a nossa conversa, para chamar ao carro um ou outro ciclista, a quem dava oportunas instruções. Prosseguiu:

«O Algarve é região onde o ciclismo encontra ambiente excepcional. Pena foi que o Louletano se tivesse mantido na inactividade todos estes anos, pois caso contrário, o fulcro do ciclismo português seria presentemente na nossa região. Perdemos, algum tempo, mas pode ter a certeza, se o Louletano se dedicar com vontade à renovação da sua secção e um outro clube algarvio que se diz estar a criar uma secção, não desanimarem, dentro de 3 anos tomaremos a primazia do ciclismo português.»

Pedimos que nos falasse dele próprio e da sua actividade como treinador.

«O senão que se opõe ao meu trabalho são os fracos recursos financeiros do Ginásio de Tavira. Se não fosse isso, se o clube pudesse dispor de apenas metade da verba gasta anualmente por qualquer uma das secções do Benfica, Sporting ou Porto, ou mesmo da verba da Coelma, Ambar e Sanguinhos, os meus rapazes trariam para o Algarve metade das vitórias das provas em que competissem.

«Nesses clubes, onde o ciclismo é tão profissional como o futebol, e dentro do actual panorama da modalidade, qualquer curioso como treinador poderá levar a sua equipa a vencer uma Volta a Portugal. Se eu tivesse aceitado a orientação de uma dessas equipas (fui convidado o ano passado e já esta época), seria actualmente um técnico bastante distinguido. Mas isto não se passa, como sabe, só no ciclismo. Veja o caso do futebol e do Meirim. Eu acredito nele e comparo o Varzim ao Ginásio de Tavira, pequenos clubes, mas dos maiores a praticar as respectivas modalidades.»

Ainda que no início da época, pedimos a Jorge Corvo um vaticínio para a Volta de 70. Respondeu-nos:

«Colectivamente, não queremos ganhar a Volta a Portugal, já porque o espírito da minha equipa não se ajusta, como disse, a esses sistemas defensivos que cavaram um enorme fosso entre o ciclismo português e o restante ciclismo europeu. Os ciclistas tavienses encerram em si um ciclismo mais evoluído. No entanto, iremos este ano para a Volta no firme desejo de a ganhar individualmente. O Ginásio de Tavira, que é fértil em surpresas, e que todos os anos revela novos valores, tem para esta época uma surpresa.»

— Para ganhar a Volta? — perguntámos.

— Talvez para ganhar a Volta! — respondeu-nos Jorge Corvo.

OFIR CHAGAS

Dívidas morosas

Trata da sua cobrança, resultados garantidos. Abel Santos de Matos, Largo Gago Coutinho, 22 — Loulé.

Está no Algarve?

Vá a Quartelral

Almoce ou jante no RESTAURANTE ISIDORO, o mais típico do Algarve.

Veja a ementa, mas peça o conselho do patrão. À noite aproveite o serviço de ceias típicas regionais.

E se quiser passar a noite, a Pensão RESIDENCIAL TRIÂNGULO (1.ª classe) oferece-lhe um magnífico quarto, com c. b. privativa, a 50\$00 por pessoa, com pequeno almoço.

Telef. 19-32-37

QUARTEIRA

Actualidades desportivas

FUTEBOL

Amanhã, Farense-Torriense

Disputa-se amanhã, às 15 horas no Estádio de S. Luís, em Faro, o prélio Farense-Torriense, que o mau tempo não permitiu se realizasse em 25 de Janeiro. Proenche-se assim esta folga motivada por mais uma jornada da «Taca de Portugal», competição de que os clubes algarvios já estão na totalidade arredados.

O prélio oferece muitos e muitos motivos de interesse e estamos em crer que será bastante emotivo. Turmas recheadas de elementos experientes e de valia, podem e devem proporcionar um bom espectáculo.

Amanhã o Estádio de São Luís, na capital algarvia registará por certo grande assistência.

Jogos para amanhã:

2.ª Divisão Nacional

Farense-Torriense

I Divisão Distrital

Desp. S. Brás-Unidos Sambrazense Moncarapachense-Tavirense Esperança-Louletano

Distrital de Juniores

Faro e Benfica-Silves

Imortal-Esperança

Lusitano-Portimonense

Olhanense-Farense

Distrital de Juvenis

Lusitano-Olhanense

O futebol em Albufeira

Voltamos hoje às páginas deste jornal — sempre disposto a difundir as aspirações dos diversos sectores da população da nossa Província — para falar novamente, acerca do futebol no

Imortal Desportivo Clube de Albufeira. Na realidade, tanto o futebol como qualquer outra modalidade desportiva carecem de quadros que se dediquem a estudar os pormenores indispensáveis à sua criação e, bem assim, ao seu desenvolvimento. Não é tarefa fácil esses elementos poderem levar para diante tais propósitos em virtude de encontrarem inúmeros obstáculos no seu caminho.

A falta de campos de jogos, a indiferença das autoridades de muitas terras em relação ao desporto, a incompreensão de alguns elementos influentes e até a oposição de alguns pais a que os seus filhos pratiquem qualquer modalidade desportiva contribuem para que o «caminho» se torne quase intransitável. E só uma grande força de vontade, persistência e sacrifícios de toda a ordem, de meia dúzia de indivíduos classificados como «carolas», tem conseguido levar por diante os propósitos de ajudar a juventude a praticar desporto, mas muito modestamente, por falta de condições.

Esta situação, estamos convencidos, abrange a maioria das localidades do País. Mas, agora fala-se apenas de Albufeira, porque ali vivemos, trabalhamos e temos o nosso posto de observação e de luta em defesa da irradiação do desporto entre a juventude.

Na realidade, nesta terra tão falada sob o aspecto turístico, não existe qualquer meio que leve a juventude a entusiasmar-se e a criar gosto pelo desporto. Assim, sem condições nem meios, a comissão de futebol trava uma luta constante, e até promove torneios de futebol de salão. Presentemente, o Imortal está representado em futebol nos torneios regionais de juvenis, juniores e seniores.

Não tem sido isto tarefa fácil para a comissão pois que para uma organização eficiente, torna-se necessário que estejam à frente dos quadros indispensáveis a uma boa preparação téc-

ATLETISMO

Circuito na Avenida Costa Mealha em Loulé

No âmbito do calendário de provas de Inverno da Associação de Atletismo de Faro disputa-se amanhã em Loulé a prova pedestre denominada «Circuito na Avenida Costa Mealha».

Basquetebol no Algarve

JOGOS PARA HOJE:

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

Série A: CIF-Farense, às 21 horas no Pavilhão da Tapada da Ajuda; Lisgás-Olhanense, às 22,30 horas, também no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

Série B: Os Olhanenses-Seixal, às 21,30, em Olhão; C. Pescadores-Técnico, às 21,30, em Portimão.

NACIONAL DA 3.ª DIVISÃO

Vitória de Setúbal-Imortal, às 21,30 horas, em Setúbal.

JOGOS PARA AMANHÃ

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

Série A: CIF-Olhanense, às 16 horas e Lisgás-Farense, às 17,30, ambos no Pavilhão Universitário.

Série B: Os Olhanenses-Técnico, às 16, em Olhão; C. Pescadores-Seixal, às 16, em Portimão.

HUMBERTO GOMES

Dois larápios assaltaram um posto de gasolina e roubaram um automóvel em Lagos

Dois malandrins, aparentemente vinte e poucos anos, apoderaram-se em Lagos de um automóvel pertencente a um subdito inglês e dirigiram-se em direcção a Portimão. No sítio do Telheiro, frente ao aeródromo, arrumaram o carro em sítio escuro e abeiraram-se da bomba de gasolina, pertencente ao sr. Elói Correia de Abreu. Declararam aos dois empregados que, por terem perdido o comboio para Portimão, aguardavam ali uma boleia. Entretanto, um dos empregados retirou-se para sua casa e, em dado momento, um dos conhecidos apontou um revólver ao outro empregado, José Furtado Marreiros, dominando-o, enquanto o outro meliante rebuscava as gavetas e guardava a importância de 6 600\$00. O empregado porém, conseguia fugir para a estrada e gritar por socorro, pelo que se juntaram numerosas pessoas, mas os larápios puseram-se em fuga, atravessando os campos próximos.

nica e física, elementos capazes de produzir eficiente organização e administração.

Nas diligências que a comissão vai iniciar junto da administração de Albufeira, espera-se que esta compreenda o esforço e dedicação à causa desportiva local, de modo a ser estimulada a prática do futebol e criadas novas modalidades desportivas, compatíveis com um grande centro turístico da Província.

Apela-se não só para as autoridades, como para a boa vontade e compreensão do comércio, indústria e forças vivas da localidade, de modo a fazer de Albufeira, por intermédio do Imortal Desportivo Clube, um centro de irradiação do desporto e educação física, a fim de poder ser acompanhado o movimento desportivo do Algarve.

UM ALBUFEIRENSE

LIVROS

«FACTORES DE CRISE NA AGRICULTURA»

de Jean Meynaud

Poderá parecer estranho a tradução de um livro tão documentado sobre a vida rural e sobre a política agrícola francesa.

No entanto, o mérito da obra de Jean Meynaud reside numa percepção lúcida que, através de dados sociologicamente localizados no espaço e no tempo, consegue determinar um conjunto de factores que facilmente se poderiam detectar noutras agriculturas, incluindo a portuguesa, como factores de crise.

E, se esse mérito não bastasse, outro ainda se lhe acrescenta. Vejamos qual. Os economistas aceitam hoje, quase em uníssono, quatro factores como causas principais do atraso do sector agrícola em relação ao sector industrial: um, natural, incontornável nas causas, corrigível nas consequências, ligado à interdependência solo-planta-clima; um segundo factor ligado ao desvio das poupanças do sector agrícola para os sectores secundário e terciário; outro relacionado com a desadaptação do sistema de ensino em relação à agricultura; e finalmente o facto de o sector agrícola deparar com estruturas sócio-jurídico-políticas mais adaptadas ao sector industrial que ao sector agrícola.

Ora, num país, quanto mais avançado estiver o sector industrial, mais potentes serão os resultados deste desfasamento.

Segundo este raciocínio, julgamos poder aproveitar largamente da experiência francesa em matéria de crises agrícolas, que em França chegaram mesmo a tomar foros de revolução social.

A obra integra-se na Coleção «Habitação», da Livraria Civilização-Editora.

«PSICOLOGIA PARA ENFERMEIRAS»

de Olivier Cotinaud

O contacto com a doença e com o doente tornou essencial o papel da psicologia. Isto explica o seu lugar actual na formação da enfermeira bem como em toda a vida hospitalar.

Mas em que consiste esta psicologia? Antes de mais, convém encarar como seres humanos tanto o doente como quem o trata. Em qualquer caso, o primeiro esforço de formação psicológica deve tender para uma melhor compreensão da evolução, do equilíbrio e das perturbações da personalidade.

Curto ou prolongado, o tempo da doença constitui, na existência uma época incomparável às outras; o doente vive num mundo pessoal caracterizado pelo que ele é em si e pelo que lhe sucede; simultaneamente, a sua vida social enriquece-se ou, pelo menos, sofre mutações. O doente experimenta um conjunto de relações terapêuticas. Assim, juntamente com a psicologia do doente, é o domínio mais vasto das relações humanas que apresenta grande interesse para a enfermeira.

Na verdade, doentes, médicos e enfermeiras fazem parte de um grupo social muito particular: o serviço hospitalar. Daí, o papel de uma compreensão justa na sua organização, dos fenómenos de grupo que aí se manifestam e do trabalho de equipa. Edição da Livraria Civilização, na Coleção «Em Dia».

Fundidor de Ferro com qualidades de chefia Precisa PERROLAS, LDA.

Telef. 571

Portimão

LANTIS

Sociedade Atlântica de Construções, S. A. R. L. Sede em Lagos

Convocação da Assembleia Geral Ordinária

Convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade a reunir-se no dia 2 de Março de 1970, pelas 17 horas, na Rua Sampaio e Pina, 64 r/c, em Lisboa, com a seguinte ordem do dia:

- 1.º) Discutir, votar ou modificar o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal relativo à gerência finda em 31 de Dezembro de 1969;
- 2.º) Alteração do Art.º 13.º dos Estatutos da Sociedade;
- 3.º) Proceder à eleição dos membros da Assembleia Geral, do Conselho Fiscal e do Conselho de Administração para o triénio de 1970-1972, e de harmonia com as disposições estatutárias.

Não comparecendo número legal de accionistas ou sendo insuficiente o capital representado para a Assembleia poder funcionar em 1.ª convocação fica desde já convocada a Assembleia Geral para o dia 20 de Março de 1970, à mesma hora, no citado local, e com a ordem de trabalhos já indicada.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1970.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

DR. JOÃO CENTENO

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO, LDA.

No seu Próprio Interesse consulte a casa que maior sortido tem em fios para tricot e crochet Nacionais e Estrangeiros.

Venda directa ao público ao preço da fábrica. Lã escocesa e shetland, Fibras Acrílicas, roblon, cardinil, cordonet, perlé, e argolinha. Algodão para colchas a peso, ráfias perlapont etc.

Fazemos descontos às senhoras tricoteleiras.

A. NETO RAPOSO, LDA.

Praça dos Restauradores, 13-1.º Junto à Estação do Metropolitan — Telefone 326501.

Arroz TREVO

O ARROZ preferido e mais vendido em Portugal

Embalagens de 1 kg.

Distribuidores
A. D. Oliveira Magalhães - Exportadora, S. A. R. L.
PORTO



Combata o MÍLDIO da VINHA

com

FOLPEC AZUL

um fungicida orgânico que, além do notável efeito sobre o MÍLDIO da vinha e de outras culturas, tem ainda acção contra os OÍDIOS

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO CONSULTE OS SERVIÇOS AGRONÓMICOS DA SAPEC

LISBOA
R. VITOR CORDON, 19
TELEF. 36 64 26



Deposítário em FARO:
JOÃO INÁCIO
Hortas das Figuras — Faro
Telefone: 2 40,00

DEPÓSITOS E REVENDADORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

Traineira - Vende-se

Arménio José N.º FF. 155C

Motor G. M. de 228 H. P. de 8 cilindros, a 1.800 r. p. m. Pesca costeira com rede de traineira. Comprimento: Fora a fora 21,70 m. De sinal 17,70 m. Boca: De Sinal 4,97 m. De arqueação 4,65 m. Pontal, 1,87 m.

Ano de construção: 1963. Dirigir à Sociedade de Pesca da Boa Viagem, Lda. — Leirosa — MARINHA DAS ONDAS.

ROGAMBOLE

(Continuação)

O CAIXA

— Verificámos a caixa juntos ontem à noite, não é verdade? — E — respondeu o tesoureiro. — Havia em cofre trinta e dois mil quinhentos e trinta e três francos e setenta cêntimos, sendo trinta mil francos em notas do banco, dentro de uma carteira verde.

— Pois bem — disse o chefe de repartição com voz abafada — a carteira desapareceu.

— Roubaram-vos! — exclamou o tesoureiro com voz estridente que fez acudir os contínuos, e foi ouvido por quase todos os empregados.

O sr. de Beaupréau deixou-se cair sobre uma cadeira quase desfalecido.

— Confiei as chaves do cofre, há-de haver uma hora... ao sr. Rocher. E escondeu o rosto entre as mãos, como se a vergonha de ter concedido a mão de sua filha a um ladrão, lhe estampasse na fronte um estigma indelével.

No entanto, as exclamações do tesoureiro, os gritos do chefe de repartição, e os murmúrios dos contínuos, haviam posto em alarme todo o pessoal do ministério. Fernando Rocher possuía a estima de todos os empregados, e por isso houve um grito unânime de incredulidade, mas depois as aparências vieram acusá-lo atrozmente. Fernando tivera em seu poder por dez minutos as chaves do cofre. Tinham-no visto sair pálido e perturbado. Deixara ali o chapéu para fazer supor uma ausência momentânea e não despertar suspeitas. Fernando, como todos sabiam, não era rico, e era possível havê-lo tentado a importante quantia

de trinta mil francos. Finalmente, as horas passavam, e ele não aparecia. Fernando Rocher estava perdido!...



XVII

O COMISSÁRIO

Enquanto se desenrolavam no ministério estes acontecimentos extraordinários, o infeliz Fernando corria como um louco pelos boulevards, e chegava à rua de S. Luís, à porta da casa do sr. de Beaupréau.

Subiu os degraus da velha escada com a rapidez do relâmpago, e puxou com força a campainha. A única criada do chefe de repartição veio abrir a porta. Fernando quis entrar, mas a criada deixou-se ficar entre as portas de modo a impedir-lhe a entrada, e disse:

— O senhor não está em casa.

— Quero falar às senhoras.

— As senhoras saíram.

— Esperarei que voltem — disse Fernando, querendo afastar a criada.

Esta porém, que era robusta, repeliu-o.

— É inútil esperar, as senhoras não voltam.

— Não voltam? — repetiu Fernando estupefacto.

— Foram para fora por três dias.

— Por três dias! — exclamou fora de si.

— Sim, senhor.

— É impossível!

— É verdade, senhor. Foram para casa de uma tia na província.

Fernando cambaleou como um homem embriagado, depois desceu os degraus a quatro e quatro pronunciando palavras sem nexos, e saiu daquela casa onde Herminia já não estava.

Durante dez minutos, dominado por uma febre violenta que lhe dava forças, Fernando correu na direcção do boulevard sem mesmo saber

onde ia, obedecendo a um hábito, e sem consciência das suas acções nem da sua existência.

Depois a febre que o sustentava tornou-se em delírio; as forças abandonaram-no, parou de repente como um homem vencido pela embriaguez, vacilou, e caiu redondamente no chão. Perdera os sentidos.

No momento em que Fernando caía desmaiado, parou um coupé a pequena distância dele. As poucas pessoas que cruzavam a rua de S. Luís em diversos sentidos, os lojistas que estavam às portas dos estabelecimentos, um inválido que ia pelo passeio, todos correram a levantar o infeliz mancebo e a prestar-lhe os primeiros socorros. Ao mesmo tempo, porém, abriu-se a porta do coupé, e uma mulher extremamente formosa, vestida com a riqueza e simplicidade das mulheres ricas, saltou para a rua e correu para Fernando. Estava pálida, agitada, tremiam-lhe os lábios e tinha os olhos inundados de lágrimas. Atravessou a multidão com a autoridade imperiosa daqueles a quem de ordinário ninguém resiste, e aproximou-se do mancebo desmaiado. Inclinou-se para ele como o poderia fazer a mãe extrema pelo filho, pôs-lhe a mão no coração, certificou-se de que batia ainda, e soltou um grito de alegria.

A multidão afastara-se respeitosamente diante dessa mulher, cuja beleza parecia aumentar com a expressão de dor que se lhe via no rosto e quando ouviu chamar com voz sífoada: «Fernando! meu querido Fernando!» julgou que algum pesar de amor fora a causa daquele desmaio.

A pedido de Baccarat, o mancebo desmaiado foi levado para a carruagem, a cortesã subiu após ele, e tomando nas mãos a fronte pálida de Fernando, cumprimentou a multidão com um olhar e um sorriso, e disse ao cocheiro:

— Para casa! Depressa!

Tudo isto sucedera com a rapidez fantástica dum sonho, e as pessoas que tinham corrido em socorro de Fernando e se haviam afastado à chegada de Baccarat, entusiasmasdas com a esplêndida beleza da juvenil senhora aplaudiram com as mãos quando o coupé partiu como um raio na direcção da casa misteriosa para onde Baccarat levava a sua presa.

— É pelo menos uma condessa — disse uma voz.

(Continua)

Cartas à Redacção

A. G. P. e os interesses do público

A. G. P., que através dos seus regulamentos e na publicidade nos jornais dá desejo modificar para melhorar, pedindo a compreensão do público que a utiliza, não está a cumprir com esses propósitos como se poderá verificar.

As estações, que são a seiva da empresa e através das quais arrecada largas centenas de contos, estão ou vão ficar sujeitas a horários de trabalho e de encerramento, o que não só prejudica os seus utentes, passageiros, expedidores ou consignatários, como contrasta exactamente com o que diz ser seu desejo e fim para que foi criada.

Estações total ou parcialmente fechadas, tanto de noite como em períodos de uma ou duas horas, seguidas ou alternadas durante o dia, sem ter quem preste uma informação ou uma ajuda, um humano e muitas vezes salvador primeiro socorro, obrigando os passageiros, velhos ou crianças, a atravessar as linhas e esperar sabe Deus quanto por um comboio que não vem à sua hora, expostos às consequências de um sol tórrido ou de uma tempestade perigosa, não estão de harmonia com os desejos da empresa, nem podem contribuir para aumentar o ambicionado tráfego que a C. P. necessita.

Os comboios são recebidos nas linhas desprovidas de quaisquer abrigos e, o que é mais de estranhar, essas estações estão situadas na maior e na melhor zona turística do País (Algarve) sendo utilizadas por grande número de passageiros nacionais e estrangeiros (algumas com um movimento anual de 15 mil passageiros).

Para agravar a situação, entram em vigor no dia 1 novos horários de encerramento de estações, a que aos inconvenientes já apontados, vêm juntar-se os que obrigam os expedidores, consignatários ou seus representantes, a aguardar horas para despachar ou levantar as suas remessas, das quais muitas vezes dependem o trabalho de dezenas de operários das fábricas ou outros que das estações se servem.

Por tudo o que se expõe e considerando que afinal a C. P. é uma empresa de utilidade pública ao serviço da Nação para esse mesmo público, aguarda-se e confia-se na nova direcção dos Caminhos de Ferro, para que tudo isto seja considerado e revisto, pois algumas das estações em causa situam-se em zonas turísticas e industriais de interesse não só para a C. P. como para o País.

UM ALGARVIO

Apontamento

(Conclusão da 1.ª página)

dos seus lábios denuncia um certo absinto? — em que confia?

Este homem de olhos deslavados nada saberá responder. Ele está enredado nas «malhas do Império». A sua voz torcida apenas cospe sangue. Não sabe se o mal o ataca do interior infectado virulentamente, se é o ar forte que lhe faz mal.

Na mesa dos meus amigos a conversa surge da ligação directa com o todo e com o momento. Por isso, entre a mesa dos meus amigos e as outras mesas há um abismo rápido, porque nós esforçamo-nos por não entorpecermos as consciências no vão sossego; mandaremos os nossos corpos para a Cochinchina ou para a terra de Fubáá, mas a luta trava-se aqui, entre a revolta necessária e a afirmação conscienciosa do que somos.

ADÃO CONTREIRAS

Prémio especial para o melhor artigo sobre Cooperativismo Habitacional publicado na imprensa portuguesa

Associando-se à criação do «Prémio António Sérgio», iniciativa do «Boletim Cooperativista» para perpetuar a memória daquele grande intelectual e cooperador português, a Associação dos Inquilinos Lisboenses atribuiu um prémio especial no montante de 1.000\$00 para galardão o melhor artigo ou reportagem publicado na imprensa portuguesa (diária e não-diária) que verse um tema de Cooperativismo Habitacional.

Segundo o espírito do regulamento do «Prémio António Sérgio», os trabalhos que devem constituir primeira publicação, serão apreciados por um júri formado por três pessoas sendo uma delas especialista desta modalidade (Habitacional), sendo para o efeito necessário enviar três exemplares do jornal ou revista em que o trabalho for publicado, para: Prémio António Sérgio, Boletim Cooperativista, Rua C. — 3 Lote — 300-A, Olivais-Sul, Lisboa-6.

em etnologia, a escrever: «A guerra é um tema social que pode ser ou não considerado em cada cultura» e «...pode ser impossível a um povo conceber um estado de guerra».

A descoberta dos verdadeiros factores que determinam a guerra permitirá atingir definitivamente a Paz?

Pensamos que não. Se a guerra é um fenómeno social, se resulta da forma como se estrutura uma dada sociedade, é pela profunda alteração desta que a guerra poderá vir a desaparecer.

Contudo, ao servir-se da Ciência para fazer o estudo dessa problemática, o Homem conseguirá certamente adquirir forças mais poderosas do que até aqui, porque mais lúcidas, para derrubar os obstáculos que impedem a Paz.

AS BASES CIENTÍFICAS DA PAZ

I

FOI ao trabalhar no domínio da física atómica que, de forma flagrante, o cientista tomou plena consciência dos perigos que poderiam resultar para a humanidade da aplicação incontrolada dos seus conhecimentos. Surgiram, assim, sábios de grande envergadura que, por um lado, se recusaram a participar no fabrico de armamento e, por outro, procuraram divulgar, com vista a um esclarecimento do público e dos governantes, os perigos da utilização de armas nucleares. Os químicos e os físicos foram secundados por biólogos, sociólogos e pensadores. E hoje vai ganhando força a ideia de que o homem de ciência deverá abandonar, definitivamente, a torre de marfim em que muitas vezes se encerra e, como qualquer outro cidadão esclarecido, passar a tomar posição activa perante os diversos problemas (inclusive políticos) do meio social em que se encontra integrado.

A atitude de Otto Hahn — o eminente físico que em 1939 conseguiu obter a cisão do átomo do urânio — ao recusar-se a participar nos trabalhos de «produção, ensaio ou utilização de armas atómicas», é um exemplo do sentido das responsabilidades que é necessário fazer com que todo o cientista possua. Como afirmou o Prémio Nobel da Paz, Philip Noel-Baker, num artigo publicado no *Courier* da UNESCO (número de Agosto-Setembro de 1967) sobre «A ciência e o desarmamento», embora os que se entregam aos trabalhos científicos de carácter militar estejam sob as ordens de generais e ministros, o certo é que «eles não são meros funcionários civis sem uma responsabilidade directa pelo que se faz»; não se limitam a cumprir ordens. «Pelo contrário: o seu conhecimento das armas modernas e da possibilidade de melhorá-las é maior do que aquele que têm os generais e os ministros que inevitavelmente desempenham papel importante na hora de tomar decisões».

Quando se cria uma arma como a chamada ABC (*Atomic, Biological, Chemical*) que «transforma a bomba atómica em simples jogo de crianças», segundo declaração do prof. Commoner, biologista da Universidade de Whashington (V. «Inquérito» in «Vida Mundial», de 25-10-68), ninguém consciente poderá ficar em estado de indiferença ou passividade. Urge informar o público de forma a obter da sua parte uma forte reacção dirigida não só contra os que se mantêm em lugares de chefia como também contra os cientistas que põem o seu saber ao serviço da morte.

Ante o desenvolvimento das armas nucleares, Einstein e Bertrand Russel redigiram, em 1955, uma declaração subscrita também por outros vultos de grande renome dos quais destacamos Max Born, Linus Pauling e Joliot-Curie. Chamava-se a atenção para o extermínio a que conduziria uma guerra nuclear e fazia-se o seguinte apelo: «Dada a trágica situação que a humanidade enfrenta, acreditamos que os cientistas se devem reunir em conferência para apreciar os perigos que nos ameaçam em resultado das

armas de destruição maciça (...). Em consequência desse apelo veio a criar-se o movimento Pugwash que passou a representar o esforço mais importante dos cientistas para despertar povos e governos em relação à ameaça da guerra nuclear e à necessidade de um desarmamento geral controlado como única salvação para a humanidade», segundo a opinião de Noel-Baker.

Na declaração resultante de uma conferência realizada por esse movimento, em Londres, no ano de 1962, e em que participaram 250 cientistas pertencentes a 35 países ocidentais e do leste, afirmava-se a dada altura: «A nossa preocupação principal é a de impedir a guerra e livrar a humanidade da pavorosa ansiedade e dos elevados encargos económicos provocados pela corrida aos armamentos. Uma guerra com armas nucleares seria um desastre de amplitude impossível de imaginar».

Por outro lado, escreveu o ilustre biólogo inglês J. B. S. Haldane: «...não há guerras justificáveis biologicamente. Numa guerra moderna, os jovens mais saudáveis das nações em luta são mortos, e os não saudáveis ficam na retaguarda e dão origem à geração seguinte. A guerra é um dano muito mais sério, sob o ponto de vista eugénico, que a multiplicação das doenças mentais».

II

Ao mesmo tempo que o cientista compreendia e divulgava os perigos da guerra, dedicava-se a um outro tipo de actividade: estudar o mais objectiva e sistematicamente possível os factores que entram em jogo na organização social da humanidade e que determinam a guerra e a paz (Bert Roling).

Num dos últimos números de *Impact*, revista da UNESCO dedicada à análise das implicações sociais da ciência (vol. XVIII, n.º 2, Abril-Junho de 1968) foram postos em relevo, através de vários artigos e de uma mesa redonda, os diversos aspectos do que poderá vir a ser a base científica da paz.

A «ciência da sobrevivência», como chamou Roling a este novo campo de estudos, procura recolher factos a partir dos quais seja possível a elaboração de teorias demonstráveis e aplicáveis. Iniciadas na década de 40, as pesquisas sobre a paz tomaram forte incremento a partir de 1960, e, hoje, são já numerosos os institutos que se entregam a esses trabalhos de investigação. De carácter interdisciplinar, de contornos e limites ainda mal definidos, é constituída principalmente por ramos das ciências sociais: história, economia, psicologia social e antropologia cultural. Outros domínios como a geografia, a biologia, a psicologia e a matemática fornecem-lhe igualmente preciosos elementos.

Polemologia é o nome que procura designar o estudo do fenómeno guerra. Aquele termo pode também ser considerado, e é o que sucede na prática, como sinónimo de *peace research* (pesquisa sobre a paz). A polemologia pretende ir ao fundo das verdadeiras causas da guerra. Não fica pelas causas ocasionais e imediatas; tenta atingir as causas estruturais. Trata-se pois de um *pacifismo funcional* e jamais exclusivamente emocional. De notar que o principal obstáculo com que a polemologia luta para se organizar é, paradoxalmente, o pacifismo tradicional. Na verdade, como escreve Gaston Bouthoul (in «La polémologie et la solution des conflits») essa forma de pacifismo «persiste em aplicar métodos que conheciam sempre um insucesso total» e «continua a agir como se bastasse um pouco de boa vontade para pôr fim às guerras». Os defensores do pacifismo tradicional recusam-se a ver para além dos motivos imediatos de cada guerra e ficam chocados com a ideia de que seja possível estudá-la como qualquer outro fenómeno social.

No estudo da guerra observa-se que esta, como combate colectivo entre grupos de indivíduos pertencentes a uma mesma espécie biológica, é uma manifestação exclusivamente humana. Torna-se pois difícil admitir a existência, no Homem, de impulsos ligados à sua natureza animal, que justifiquem a guerra. Deste modo, há que a encarar como fenómeno essencialmente socio-cultural.

E, portanto, no seio das organizações sociais que terão de ser procuradas as verdadeiras causas da guerra.

Foi pena que o citado número da revista *Impact* não tivesse recebido a colaboração de um antropologista cultural que nos poderia pôr em contacto com os dados que levaram Ruth Benedict, grande autoridade

Sem Dizer AVONDE...

Quando na Casa de Trás-os-Montes em Lisboa, alguns se decidiram pela reunião a propósito do bacalhau assado com batatas a murro e vinho de Chaves, Norberto Lopes sugeriu a todas as outras casas regionais que procurassem uma boa política regional pela boa mesa. Foi até a uma dessas almoçadas e observei quanto de comum os do nordeste têm com os de cá: sentindo-me quase berbere entre aqueles maxilares todos, que em quadratura pouco se assemelhavam aos que definitivamente possuo, não me senti deslocado. Mas por melhor que ela tivesse sido, a política acabou logo na sobremesa: porque nem a verdade se obtém mais exacta através da gradação dos bons vinhos, nem a confiança mútua e o hábito de conviver criticamente resultam da boca cheia.

Eis a razão por que alguns jovens algarvios, indiferentes ao marisco ou ao fígado torrado, o que desejam é estudar e interpretar a problemática algarvia como parte da problemática do País. O que não quer dizer que de vez em quando não haja quem misture com certa coerência cozinha com ideias. Eu terei sido um deles: porque em certas alturas, com o único fôlego que resta apenas é permitido aquecer o caldeirão...

O. A.

Viajante precisa-se

Para firma de peças e acessórios para automóveis em Faro, de preferência que conheça do ramo, para as províncias do Algarve e Alentejo.

Resposta com referências, idade, lugares já desempenhados e ordenado pretendido.

Se estiver empregado guarde-se sigilo.

Resposta ao n.º 12.595.

MAQUINAS PINHEIRO



A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MAQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 10 & Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 184

...E TAMBÉM

Hotel Vasco da Gama

MONTE GORDO

FOI PINTADO COM

TINTAS

EXCELSIOR

DISTRIBUIDOR PARA TODO O ALGARVE

EXCELSIOR DO ALGARVE

AV. 5 DE OUTUBRO 62 OLHÃO



PARA A MEIA ESTAÇÃO ALGARVIA

A esquerda, casaco de fazenda cor-de-ervilha seca com botões de baquelite no mesmo tom. A direita, saia e casaco curto de fazenda em riscas cinzentas e azul-marinho formando espinhas em vertical. Três grandes botões de madeira azuis-escuros dão uma nota graciosa ao conjunto.

BRISAS do GUADIANA

Questões de limpeza

O MELHOR empate de capital relativamente a qualquer terra, é a sua própria valorização. E há, parecidos, muitíssimas maneiras de promover essa valorização, mesmo quando os recursos ou as iniciativas (oficiais ou privadas) não aparecem na forma de indústrias rentáveis, a contribuir para fixar e interessar as populações.

Uma das maneiras — que não se nos afigura inacessível — de valorizar, é limpar. Porque o asseio também concita simpatias e, além da sensação agradável que provoca no indígena (asseado), contribui muito para atrair o visitante, geralmente evoluído e que gosta de permanecer em locais que veja decentemente tratados.

No caso particular de Vila Real de Santo António, há vários factores a considerar no que à limpeza respeita: primeiro, a recolha dos lixos caseiros, que provocou muitas reclamações e parece estar resolvida, com pessoal eficiente e veículos rápidos adequados, embora se torne necessário pensar nos recipientes fechados, ou em sacos de papel resistente, como já foi preconizado, para que os cães e gatos não sigam sujando mais as ruas. Quanto à limpeza das próprias ruas, achamos que o problema não está ainda resolvido, embora tenha havido evidente vontade de o resolver. Ou o pessoal da limpeza é pouco e não chega para o efeito, ou é suficiente e não se dispõe de quem o dirija com eficiência, de modo a alcançar-se bons resultados. Isto porque há ruas vila-realenses que não abonam, neste capítulo, do bom nome da terra, que em tempos primava por ser a mais limpa do Algarve e uma das mais limpas do País.

Na Rua Teófilo Braga, o edifício onde funcionava a delegação da Direcção de Estradas não pôde ainda ser reparado dos estragos sofridos a quando do sismo de 28 de Fevereiro, e vem a propósito referir que a placa da Rua Almeida

Garrett, para aquela convergente, foi também, supomos que pelo sismo, danificada, tendo ficado ilegível.

Junto ao parque de estacionamento dos trens, a ponte da Rua Conselheiro Frederico Ramirez, deixa um tanto a desejar o sistema do ajuntamento dos lixos, pois os recipientes empregados não ajudam, pelo muito uso e reduzidas dimensões, oferecendo mau aspecto ao local, que por vezes é visitado pelos estrangeiros e nacionais que procuram viaturas que os levem a Monte Gordo ou Castro Marim.

No extremo sul da Rua Cândido dos Reis, próximo do dispensário antituberculoso, mantém-se uma ampla lixeira, quase junto às casas de habitação, a pedir que a extingam.

E outras ruas solícitam que neias actuem com regularidade e eficiência os homens da limpeza, já que, fazendo parte de um todo chamado Vila Real de Santo António, bastaria a sujeidade de uma delas para deixar má impressão no visitante. — S. P.

Palestra sobre Marketing no Rotary Clube de Faro

Realizou-se na terça-feira, no Hotel Eva, em Faro, nova reunião do Rotary Clube, presidida pelo sr. eng. Fernando J. S. Mendonça e secretariada pelo sr. António Matos Cartuxo. Desempenhou o protocolo o sr. Luciano Sero-menho, que se congratulou com o elevado número de rotários presentes, cumprimentos aos convidados e visitantes e apresentou o novo rotário, sr. Fernando Manuel Martins, gerente comercial daquela cidade, a quem o presidente impôs o emblema rotário. Como convidados, os srs. Frank Tompkins e Armando Romão.

Encarregou-se da palestra regulamentar sobre assuntos profissionais o rotário sr. Manuel Pires Vitória, que falou sobre «Marketing». Várias vezes interrompido, para explicações complementares, o palestrante foi ouvido com muito agrado e interesse, sendo muito ovacionado.

O presidente encerrou a sessão tendo agradecido a presença dos convidados e visitantes e manifestado o seu contentamento pelo alto nível da reunião.

PRECISA DE

Médico? Enfermeiro? Parteira? De receber uma injeção ou ser transportado para o hospital?

Telefone para o número



Vila Real de Santo António

onde no mais curto espaço de tempo um piquete permanente de serviço o irá atender.

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 82 — Lagos — Remessas para todo o País.